

Segunda parte da defensão

por Portuguezes, & como atras deixamos aueriguado, q̃ nunca Portuguezes, nem outros Hespanhoes fundarão Roma, parece que bem manifesto, & prouado fica, que não tinha Sicano pera que se cançar em ir a Italia com exercitos, nem sem elles, pois la não auia naturais a quem socorresse, & não indo a Italia, tambem se pode ter por infallivel, que não foy à ilha de Sicilia, pois o ir a ella, não era mais que effeito de hũa causa que está prouado ser impossivel, & por esta razão, nem Sicano, nem seus soldados podião dar a Sicilia o nome que teue de Sicanos, por mais que o nosso Autor o affirme com toda sua authoridade. E quanto ao lugar que tras de Diodoro acerca de serem Hespanhoes os que primeiro pousarão aquella ilha, os quais diz q̃ se chamaão Sicanos; parece que não está demasiadamente lembrado do que Diodoro trata sobre esta materia, porque não faz mais que apontar parte de sua opinião daquelle Philisco em que fala a Monarchia, mas logo a repropoza por falsa, & nescia, seguindo a de outro por nome Thimeo, &c. Muitas cousas temos aqui a q̃ respõder, he a primeira oufar a dizer o Autor do Exame, deixou bastantemente prouado, não fundarão Hespanhoes a cidade de Roma: quam excellentes, & em quanta verdade seião fundadas suas prouas, pode o leitor ver na minha primeira parte desta defensão no cap. 26. E nesta segunda nos capitulos 23. & 24. & então julgue o que melhor lhe parecer: diz mais o Exame

me, que nunca Sic Ano chegou a Sicilia, nem tomou delle, nem de seus soldados o nome de Sicania; nem tinha necessidade de passar a Italia, pois não auia nella Hespanhoes a que fosse socorrer. A este inconueniente responde por mim Floriã do Campo, historiador tam authentic, como o mundo sabe, o qual no seu primeiro liuro no cap. 21. ás folhas 40. diz assim. Luego que morio Sic Oro, Sic Ano, que le succedio en el señorio, dizen auer embiado gente de guerra, y capitanes en ayuda de los Hespañoles, q morauan en Italia, porque se les auia abiuado mucho por alla las competencias, y guerras, que trayan con los pueblos comarcanos, nõbrados Aborigènes sobre razon del assiento q los Hespañoles haziã en el rio Tybre, y cõ otros tãbien llamados los Enõtrios, naciones todas libres, y poderosas en aquellas partes: las quales no reconociã hasta entonces superioridad a nadie, y dado q a los principios destas cõtendas el partido d' Hespaña, no traxesse por alli mucha vêtaja, fue cierto, q con las nuevas ajudas q sobreuenierõ, tornõ presto tã sobre si, q hizierõ grã estrago en sus aduersarios, y entonces se fortalecieron los Hespañoles vnos con otros mucho mas que nunca, y dierõ facion a su pueblode Roma, en que primero viuiã, basteceiendola, y acrecentandola de proposito: cõ todo esto siempre fueron mucho guerreados de

Floriã. c. 21
fol. 40.

Segunda parte da defenſaõ

los Italianos ſus vezinos, y fronteros, lo qual dio mucha ~~cauſa~~ para que despues el Rey Sic Ano paſſaſſe en Italia personalmente con vn gran exercito, y armada de mar tan pujante, quanto fue poſſible ſacarlo de Heſpanna. Y llegado alla puſo en tales aprietos a ſus contrarios, que muchos dias eſtuuieron ſuſpenſos, y atemorizaedos, ſin oſar acometer nada de lo que ſolian, dãdo mueſtras peralo de adelante, que ſerian pacificos, y quietos, mas como el Rey Sic Ano tuuiſſe poca certinidad, o credito dellos ſeñalo cierta parte de ſu gente, que reſidieſſe, y quedafſe con los Heſpannoles antiguos en la conſeruacion daqueſta ciudad, y ſu prouincia, y los tales Heſpannoles que por allà dexó, hizieron despues vn otro linaje por ſi llamado de los Sicanos diuerſos de los otros Morgêtes, & Sycôros vezinos, y principiadores de Roma. Eſto concludido, y aſſentado quanto mejor fue poſſible, el Rey Sic Ano con la ſobra de ſus exercitos quiſiera tornar luego en Heſpãna, quando llegaron nueuas al Rey que los otros Heſpannoles moradores en Sicilia, traían guerra mucho cruel y trauada, con ciertas naciones de aquella Isla, llamados los Cyclopes, y Leſtrigonas, que tambien quiſieran echarlos della ſi podieran. Eſtos eran gente ferôs, y terrible, tanto que es cierto ſer todos o los de más dellos

dellos gigantes crudelissimos de fuerça, y bra-
uesã demasiada. Llegado en Sicilia despues que
tomò tierra los aduersarios le salieran al encuen-
tro, y alli juntadas las hazes vnas con otras, hu-
uieran su batalla la màs peleada, y màs sangri-
ta que en aquellos tiempos se sepa, en que con
el esfuerço deste buen Principe, y con la valen-
tia de los suyos fueron los Cyclopes, y Lisfrigo-
nas destrozados, y muerto gran numero dellos:
mas ellos eran tan feroces, que por esto conuino
al Rey Sic Ano, dexasse alla lo màs de aquel exer-
cito, los quales defendieron la tierra maruillo-
samente, y poblaron nuevos terminos, y nue-
uos lugares en todo lo màs seguro que podian.
Destos lugares fue principal, y primero la villa
que nombraron Zancle, la qual fue despues lla-
mada Mesaña, y agora Mecina; de aqui tambien
resulto, que muchos años despues la Isla fue di-
cha Sicania por causa destos Sicanos, que alli
quedaron, y de su Rey Sic Ano, perdiendo de
todo punto la nombradia de Trinacria, que ha-
sta entonces tenia, que significa tierra triangu-
lar, o de tres puntas, quales la tiene aquella Isla
en su figura. Trouxe estas palauras todas de Flo-
riaõ do campo, assi porque palaura por palaura
vai confirmando a verdade da Monarchia, como
tambem porq̃ de pòto a pòto cótradizo parecer
do

Segunda parte da defensão

do Exame das antiguidades, y delle o não ter li-
do, não he minha a culpa. O mesmo acerca dos
Sicanos serem dos primeiros habitadores de Si-
cilia, affirmão Solino de mirabilibus mundi, Au-
lo Gellio lib. 1. noct. atticarum. Leonardus Aret.
na discricão de Sicilia, lib. de primo bello puni-
co, o Bispo Girundense lib. 1. de primis Hispania
incolis fol. 7. & 9. Esta mesma opinião, & ver-
dade seguem Pineda na primeira parte, Pedro
Antonio Beuter na Chronica geral d' Hespanha,
Gariuai no seu compendio Historial, cap. 19. fol.
109. com todos os Historiadores Hespanhoes, a
quem deuemos dar inteiro credito, porque os
estrangeiros não trataõ destas partes, senão de
passagem em quanto lhe pertence à sua historia,
& ainda Zozomeno presbitero Pistorien. diz.
*Insula Siciliae primum Sicania dicta est à Sicanis, qui
eam primum incoluerunt.* E vindo ao particular de
Diodoro Siculo, que o exame diz chama necio
a Philisco, cuja opinião por nescia não segue, se-
guindo em tudo a Thimeo. Respondo: esta
tama longe Diodoro de seguir neste parti-
cular dos Siculos de Sicilia a Thimeo, que os
lououres que lhe dà he dizer delle (& por aqui
julgarà se o segue) prometeo muito, & não fez
nada, gastando todo o tempo em reprouar, &
reprehender escriptores: no que foy taõ excessi-

Solino de
mirabil.
mundi.

Aulo Gellio
noct. att.

Leonardus aret.
na discricão
de Sicilia l. 1.

de bello puni
Girundense
de primis

Hispanico l. 1.
Beuter na
Chronica

geral d' Hespan
Pineda l. 1. p.
Gariuai. c. 19

Zozomeno.

uo, que desta mã natureza sua, naceo chamarẽ-
no como em prouerbio, o Reprouador, *qua ex
re obrectator est cognominatus*. Este Zoilo de hõra,
& credito dos proximos, repropua com muitos
argumentos, por naõ perder o costume a Phi-
lisco, os quais naõ aponto por ser tempo mal
gastado, & naõ sei que rezaõ possa ter o nosso
Exame pera afirmar, seguiu Diodoro a Thi-
meo de quem diz assim estes louuores, como os
que se seguem. *Thimeus sane tum temporum exqui-
sitam diligentiam, tum plurimarum rerum historiam se
traditurum pollicitus quod nimirum operæ in alijs redar-
guendis, impenderit, culpatur*. Quer dizer, Thimeo
fez grandes promessas de fazer hũa historia de
muitas, & varias cousas com exquisita, & nota-
uel diligencia dos tempos, & computações del-
les, & assim naõ ha homem douto que o naõ
culpe de pro meter muito, & naõ fazer nada, &
de se occupar todo em repropuar authores, &
naõ em escreuer historias, por cujo respeito me
resolui em seguir o estylo, & modo de escreuer
de Ephoro: consta esta resoluçaõ sua das pala-
uras seguintes, que na minha impressãõ se podẽ
leer às fol. 176. pag. 2. *Huius nos morem, quoad fa-
cultas tulit secuti, præsentem librum describendis In-
sulis distribuimus: queis primum se offert Sicilia, quæ op-
tima Insularum omnium rerum antiquitate, ceteras
antecellit.*

Diodor Sic.
l. 6. c. 1.

Diod. l. 6. c. 3.

Diodor. Sic.
l. 6. c. 1.

Segunda parte da defensão

antecellit. *Hac olim Trinacria ab eius forma primum appellata, Sicania de inceptis ab incolis, dicta est.* Como se differa seguindo o estylo de Ephoro, distribuiremos este liuro em descreuer as Ilhas, das quais a principal he Sicilia, chamada antigamente Trinacria pella forma que tem triangular, & despois Sicania dos Sicanos antigos moradores della. Perguntara eu agora ao nosso Autor, se he esta a autoridade de Diodoro Siculo, & se he esta a Ilha de Sicilia, ou Trinacria? & se he isto dizer Diodoro, se chamou antigamente Sicania dos Sicanos? como escreue a Monarchia, & se segue Diodoro a Thimeo, que o nega, ou Philisco que o affirma? & no mesmo liuro 6. no cap. 2. fol. 178. pag. 2. diz Diodoro Siculo o seguinte. *Nunc de Sicanis, qui primi in Sicilia habitauerunt, quoniam de eis Scriptores discentiunt, est scribendum. Philistus eos ex Iberia in Siciliam venisse affirmat, qui id nomen à Sicano Iberie flumine traxerunt.* E isto em substancia he o mesmo quasi que a Monarchia diz nas palauras seguintes. Como esta gente entrou em Sicilia debaixo da capitania de Sicano, lhe chamaraõ dahi em diante Sicanos, & a Ilha Sicania, como parece sentir Diodoro Siculo, quando affirma, que huns Hespanhoes chamados Sicanos a pouoaraõ primeiro, inda que diz serem naturaes de aquella parte onde corre o rio Sic Oris.

Diodorus
l. 6. c. 20

Britto

Profe

Profegue Diodoro Siculo dizendo. *Ceterum, habitabant priscis temporibus Sicani in montibus natura munitis in quibus vrbes latronum metu edificarunt. Nulli enim Regi suberant, sed suus cuique vrbi inerat Princeps. Hi primum vniuersam tenere Insulam, agros collentes, ex quibus vitæ cibum sumebant. Postmodum Etnæ Ignes qui proximas Regiones vrebant eructante, cum plures annos id incendium patriam vastaret timore acti omisis orientalibus locis, partes quæ ad Occidentem vergunt, petinere. Multis deinde seculis Sicoli ab Italia in Siciliam profecti, loca tenuerunt à Sicanis relicta. Opibus deinceps, ac viribus potentes propinquis agris occupatis, quotidie magis imperium augebant, quoad bello sepius cum Sicanis moto, certo post modum federe, agrorum fines, inuicem statuerunt, & mutato nomine Siculi sunt appellati.* Quer dizer. Deixando opiniões, & argumentos de Thimeo, a verdade he, que nos tempos antigos habitauão os Sicanos nos montes mais altos de Sicilia, inexpugnaueis, & fortes por natureza do sitio, & nelles pera se poderem defender melhor dos ladroes, edificarão cidades, tendo cada hũa em particular seu Rey, ou Principe, que a governaua. Estes Sicanos em seus principios occuparão toda a Ilha, laurando os valles & campos, onde colhião a sustentação de que se sustentauão, porem como o monte Etna estiuessse sempre

Segunda parte da defensão

mitando fogo, abraçadas com elle as Regiões circumuezinhas, vencidos de temor, & receo, deixada a parte Oriental, se mudarão pera a parte do Occidente: & vindo dahi a muitos tempos os Sículos de Italia pera morar em Sicilia, começarão a habitar os mesmos lugares, que por sua incommodidade tinham deixado os Sicanos, os quaes se fizeram tam ricos nas fazendas, & tam poderosos nas armas, que desejan-do acrescentar mais seu imperio, tinham continuas guerras com os Sicanos antigos moradores da ilha. E como da guerra naça às vezes boa paz, vierão a concerto, & com hũa confederação justa, repartirão, & limitarão seus campos, pondo marcos, & balizas, pelloes quaes se conhecia a demarcação dos pouos, & mudado o primeiro nome de Sicanos, se chamarão Sículos. Bem ve o nosso Autor, quam lembrado estava o da Monarchia de tudo o que conta Diodoro, & a pouca razão que teve pera dizer se apartava da opinião de Philisco, & a reprovava por falsa & necia, seguindo a de outro por nome Thimeo, pois com as mesmas palauras de Diodoro lhe tenho prouado a verdade da Monarchia, & o engano de sua opinião, & se não basta este autor com os mais que acima apontei, ouça a Thuscides Atheniense libro 6. histor.

de bello Peloponensium, o qual falando de Sicilia diz assim. *Sicani primi demonstrantur incoluisse, atque ut ipsi predicant, omnium primi, quippe cum sint illius terræ indigenæ, sed veritas arguit, eos Iberos esse oriundos, à flumine Sicano, quod est in Iberia, & ab his tunc dictam Sicaniam insulam, prius Trinacriam nominatam, qui adhuc loca Insulæ ad Occasum vergentia incolunt.* Isto tudo, & o que diz Diodoro Siculo & a Monarchia Lusitana, he o mesmo; & se inda isto não basta, lea o nosso Autor a Florião do Floriã. c. 20 Campo nos lugares acima apontados, & acharà, que os Sicanos Hespanhoes se differão del Rey ou Capitão Sic Ano, como tambem os Siculos del Rey Sic Oro, ambos Reys d'Hespanha. As palauras de Florião na minha impressão em Samora cap. 20. fol. 39. saõ as seguintes. Despues que el Rey Athlante salio d'Hespaña, escriue Ioan de Viterbo, y Beroso, que luego reinò vn hijo suyo nombrado Sic Oro, en el anno 1626. antes de la natiuidad de nuestro Señor Iesu Christo, que fue 538. despues d'Hespaña poblada. A llamamos vn rio de Cataluña, que passa junto con la ciudad de Lerida, que los antigos solian dezir Sicores, por causa del Rey Sic Oro. Cierto es que parte de la Comarca cercana de sus riberas fue llamada Sicoria, y que dellas salieron gentes segun escriue Diodoro, y Seruio Gramma-

Segunda parte da defensão

Thuscid. 1.6

Plinio li 3.
Lucano los.
de insolis
Sicilia

tico, que passaram en la Isla de Sicilia, y pobla-
ron alla vna buena parte de tierra, la qual deuia
de ser juntandose con los otros Hespãnoles,
que primero residian en ella, desde la jornada
del Rey Athlante Italo. E Thuscides Grego lib.
6. falando dos Sicanos diz. *Hi magno cum exer-
citu in Siciliam transeuntes victis praelio Sicanis, & in
partes, que meridiem, Occasumque spectant, remisissis, fe-
cerunt, vt pro Sicania, Sicilia vocaretur.* Deste rio Si-
coro, ou Sicano faz menção Plinio no liuro 3.
& Lucano libro 5. & delle se entende Thuscid-
des de Insulis Siciliae, quando referindo a pouoa-
ção de Sicilia, diz, que Hespãnoes naturaes da
prouincia, que rega o rio Sicano, passarão àquel-
la Ilha, & lhe derão o antigo nome de Sicania,
& quanto a serem Hespãnoes os primeiros mo-
radores de Sicilia, affirmao Solino, Marciano
Capella, Gariuay, & outros muitos, & se con-
tra estas verdades todas, & authores tam-
bẽm authenticos, tem o nosso Author que
se replicar, & sua ventura
lhe valha.

CA-

V

Tratase da sumptuosidade de alguns templos dos Gentios em especial do de Hercules Egypcio em Hespanha, & de suas grandes superstições, com outras antiguidades curiosas:

Como a cega gentilidade se prezaua de agradecida, & ingrato homine terra peius, nihil creet, segundo a sentença de Menandro, em nenhũa cousa pagauão beneficios com mais facilidade, que em fazer Deos a qualquer homê que lhe trazia algum proueito, & inuentaua qualquer arte de que lhe redundasse interesse nos bens, ou remedio nos males. Daqui naceo adorar por Deos a Apolo, como notou Rauisio por ser inuentor da medicina, conforme o que elle mesmo diz de sy em Ouuidio.

*Rauisiotextus
fol. 124.*

Inuentum medicina, meum est, opifexque per orbem doctorum, & herbarum subiecta potentia nobis.

*Ouuid. l. 1.
Mera. & l.
10. de remedio.*

A Paõ reconheciaõ por Deos dos pastores, por ser o primeiro que achou a inuenção das frautas pastoris, com que apacentauão, & guiauão seus gados, segundo em suas Eglogas o cantou Virgilio.

Segunda parte da defensão

Virg. Egl. 1. Pam, primus calamos cuniungere pura instituit.

A Cadmo filho de Agenor contaraõ no numero dos Deuses, por inuentar as letras, como quer Alciato, emblema 184.

Primus Agenorides elementa, notasque magistris tradidit. A Yo adoraraõ os Egypcios por Deusa, conforme diz Viana, tomando de Gotofredo Veringio, porque sendo filha de Inâco primeiro Rey dos Argiuos a furtou, & lhe fez força Iupiter Rey de Creta, por cujos ciumes a perseguiu Iuno, & fugindo de sua ira em hũa nao, que leuaua por insignia hũa vaca, fingiraõ os Poetas, a conuertera Iupiter nella, & que Iuno a entregara em guarda ao Pastor Argos. Mas deixando transformações poeticas, & seguindo a verdade da historia mais verdadeira, foy o caso, que aportando Yo no Egipto, ensinou aos Egypcios cousas de grande proueito, & muy necessarias à vida humana, cuja occasiã foy bastante pera acolocarem no cathalogo de seus Deuses debaixo do nome Isis. O mesmo costume seguirã quasi todas as nações gentlicas, dedicandolhe templos tam sumptuosos, que quasi poem em discredito a quem o conta, porque o templo de Iupiter em Panehea, de que faz menção Diodoro Siculo, lib. 6. cap. 10. tinha d'espaco duorum iugerum longitudinem, & ou-

Diodor. l. 6. cap. 10.

tro tanto de largo; as pedras delle eraõ todas de alabastro finissimo, estava o edificio armado sobe fortes, & grandes columnas, acrescentavaõ sua riqueza, & fermosura muitas, & muito grandes statuas de diuersos Deuses, lauradas com summa delicadesa, & arte; as portas do templo eraõ d'ouro, & prata, cujo lauor sendo curiosissimo causaua admiração a quem o via: no meyo delle se armava hum leito de seis couados de cumprimento, & quatro de largo, todo de ouro laurado com admiravel artificio, & inuençaõ extraordinaria, & juntamente com a cama estava armada hũa mesa d'ouro esmaltado, & hũas laminas grãdes do mesmo metal, em que estavaõ insculpidas por maõ de Mercurio, as proezas de Saturno, Iupiter, Diana, & Apolo. *Dei lectus sex est cubitorum longitudine, quatuor latitudine, aureus totus, opificio splendido, ac vetusto, simili modo, & Dei mēsa, tunc magnitudine, tum pari impensa splendore que iuxta lectum posita.* Em Calabria junto da cidade de Croton, auia outro templo dedicado a Iuno, como diz Tito Liuius, lib. 4. decad. 3. riquissimo por extremo, & entre algũas maravilhas que nelle auia, era hũa columna d'ouro macisso, cujo valor não tinha preço. Em Siria na cidade de Saora, junto ao rio Euphrates estava hum templo, o qual segundo escreue Luciano no dia-

Diodoro si
cul. fol. 196.

Liuius, l. 4.
decad. 3.

Lucian. de
Dea Syria.

Segunda parte da defensão

logo da Dea Syria, tinha muitas estatuas de pre-
ço inestimavel, q̄ por arte do demonio pera enga-
nar a gente ignorante, andauão sem ninguem as
mouer, & fechadas as portas, ouuião falar d'entro
como que os Deuses praticauão, & conuersauão
hũs com os outros, & era tam grande a deuação
que estes enganos diabolicos causauão nos ho-
mês, que de Arabia, Phenicia, Babilonia, & Ca-
padocia, mandauão ao templo infinidade de
dões, & riquezas sem conto. A obra, & architec-
tura, era mui bem laurada, & tam rica, que toda
era d'ouro, & da mesma maneira a abobada, & a
mor parte das paredes; no meyo do tēplo auia
hũa quadra armada sobre colūnas, dentro da
qual estauão duas estatuas d'ouro de Iupiter, &
Iuno, posta a de Iupiter sobre touros, & a de Iu-
no sobre leões; estaua esta cercada de muitas, &
mui ricas pedras preciosas, hũas brancas, que de
uião ser diamãtes, & outras de cor do ceo, como
saphiras, & infinidade de rubins, & na cabeça hũa
pedra a q̄ chamauão Lichmis, da qual sahia tam
grande resplãdor, q̄ alumiaua de noite todo o tē-
plo de maneira, que não fazia falta a luz do dia;
no meyo destas duas estatuas de Iupiter, & Iuno
estaua outra d'ouro fino, & em cima da cabeça
hũa pomba do mesmo metal, empreza conheci-
da de Semiramis, emperatriz de Babilonia. Não

faltarão á nossa Hespanha estas, & outras super-
sticões semelhantes, porque tambem nella ouue
hũ templo famosissimo dedicado a Hercules o
grande, a quẽ esta nação adoraua por Deos, por
respeito de suas grandes valentias. Durou este
templo muitos annos, em tanto que entrando
nelle Iulio Cesar, & vendo (segundo affirma Trá
quillo) pintado nelle Alexandre Magno, com in-
finidade de tropheos, com lagrimas de seus o-
lhos chorou sua pouca ventura dizendo, auia
Alexandre conquistado o mundo de idade de
trinta annos, & elle sendo da mesma, ou mais,
não tinha feito cousa notauel, nem digna de se
por em lembrança. Este templo por mais que
o autor do Exame o negue, foy não menos rico,
que sumptuoso, no qual estauão duas colunas
quadradas de inestimauel riqueza, por serem de
ouro, & prata juntamete derretida, como affirma
Florião do campo lib. 1. c. 17. fol. 26. cujas palauras *Florião 1.º*
tratando da morte de Hercules Egypcio, a q̃ cha *cap. 17.*
mão o grande, são as seguintes. Los Españoles ce-
lebrarõ sus obsequias con grã cerimonia, y enter-
raron su cuerpo en vna sepultura magnifica, den-
tro de vn tẽplo q̃ juntamente hizieron, dõde le
adorarõ despues como a Dios, el qual tẽplo durõ
muchos siglos en Hespaña, cõ aquel monumeto
sobredicho, y cerca del dos colunas quadradas
d'oro

Segunda parte da defenſaõ

d'ouro, y plata juntamente derretida en cuyos capiteles eſcreuieron letras Heſpañolas quales en aquel tiempo las vſauan, que contenian el Epitaphio, y la razon de ſu muerte, y diuinidad; contenian mas otras ciertas razones, y vocablos, que dezian Hercules auer pronunciado antes que morieſſe tocantes al mar Oceano, como que fueſſen conjuero para que ſus agoas no dañalſen, ny anegaſſen aquellas tierras, en las quales palabras creya la gente commun eſtar gran virtud ſobre tal caſo, por cuyo reſpecto muchas naciones de diuerſas prouincias començaron a venir ally en romaria para le hazer plegarias, y encomendarſe a el, conforme a la ſuperſticion, y coſtumbre que los gentiles vſauan, y ally los ministros del templo les relatauan, y rezauan toda la vida deſte Dios Hercules, con que ſacauan limoſnas, y dadiuas para el templo, y para ſy, que montaron a la continua grandes intereſſes. Todo eſto es muy auriguado, y mui cierto. O meſmo Floriaõ no liuro 2. no cap. 9. fol. 80. diz que entrando os Pheniffes em Heſpanha mudaraõ eſte primeiro templo pera Calix com muito mòr ſumptuoſidade, & magnificencia, a qual paſſaraõ os offos de Hercules, com as columnas lauradas de chapiteis, & letras antigas Heſpanholas. Junto deſte templo auia dous poços,

Floriaõ. l. 2.
cap. 9.

ços, hum muito fundo, feito á maneira de fonte, com hũas grades ao redor cuja agoa era mais enxabida, que gostosa, a qual crecia, & mingoaua duas vezes no dia, & outras duas na noite: o seu crescer era quando o mar mingoaua, & o seu mingoar quando o mar crecia discrepando só nos mouimentos, sendo tam cóformes no sabor. O outro poço era muito ao contrario, porque sua agoa, posto que pouca, era doce, suaue, & mui delgada nas crecentes, & mingoantes que também tinha, confirmauase com a do mar, sendolhe tam contraria no sabor: junto do templo auia hũa aruore, não menos notauel que os poços, ou fontes, semelhante a hum pinheiro no parecer, inda que nas folhas o imitaua muito pouco, porque tinha cada hũa hum couado de cumprimento, & quatro dedos de largo, os ramos todos curuados em redódo desdo mais alto até o mais baixo, de maneira que chegauão a tocar as pontas na terra: quando cortauão algum destes ramos, o humor que delles sahia, era tam branco como leite, mas cortando algũa raiz corria sangue, & tanto mais corado, quanto mais fundas estauão as raizes, por cujo respeito dizia communmente a gente da terra. Estauão ali sepultados os tres Gíriões, & que de seus corpos manaua o sangue, & nacera a aruore a que por esta causa

Segunda parte da defensão

causa chamauão dos Giriões, & posto que no principio não era mais que hũa aruore, depois pella continuação do tempo naceo outra de suas raizes, semelhante em tudo à primeira. Auia também neste mesmo templo dous altares, & hũa oliueira de ouro muito grande, copada, & alta, laurada com summo artificio, & carregada de fruita como azeitonas grossas, & espessas, feitas de esmeraldas Hespanholas, em memoria de seu capitão Pigmaleão, & da diuisa de oliueira que trouxe em suas naos, quando aportou naquellas partes. Esta oliueira tinhão os homens de Hespanha em grande veneração, não tanto pella riqueza de ouro, & perolas, como pellas perfeições q̃ tinha tão a natural, q̃ a mesma natureza parece que a fizera do primeiro templo deste Hercules Egypcio, diz o Doutor frey Bernardo de Britto as palauras seguintes. *Não serà fora de*

*Britto, in
Monarchia*

propósito referir hũa cerimonia, que o proprio Laymanno cõta neste caso assas curiosa por ser tão antiga: pera o que he de saber, que os antigos tinhão por hum sacrilegio grandissimo onsar alguem ver o sol quando se lançaua no mar Occeano, porque realmente cuidauão, que por se o sol, não era mais que cair do ceo na agoa do mar, & apagar se do resplendor que tinha como hum ferro ardente faz metido na agoa, & por este respeito, não ousando ver aquella falta no que elles tinhão por Deos debaixo

do nome Apolo, vir a ambe as costas tẽ que de tolo era posto. Contra esta superstição, se leuanta o Apurador das antiguidades dizendo, que nunca Strabo tal disse, & que naquelle tempo não auia noticia de tal nome de Apolo no mundo, mas porque apontando a Monarchia com Laymundo Ortẽga pera proua desta superstição genti-lica, não quer o nosso Autor do Exame, que apõte senão com Strabo, & deixarei a resolução desta controuersia pera o capitulo seguinte, lembrando-lhe primeiro ouue templo de Hercules em Hespanha, como cõta a Monarchia, por mais que elle o negue, & eu largamente deixo neste capitulo prouado.

CAPITULO XXIX.

Tocase a diuersidade de nomes, que teue o Sol entre os antigos. Dase conta de quem foy Iupiter, & dos filhos, & filhas que teue, & das muitas superstições que tinhaõ os Gentios na adoração de seus Deuses.

Cousa certa he ser o Sol o mais principal de todos os sete planetas, & como lhe de-
uemos

Segunda parte da defensão

uemos tanto por nos dar a luz, & claridade que a noite nos rouba, não ouue nação no mundo, que se não mostrasse agradecida, & obrigada aos beneficios que d'elle recebe: & como sejaõ tam varias as nações, varios foraõ tambem os nomes com que o nomearaõ, porque os Caldeus lhe chamaraõ Schem Schia, que se interpreta Ministro de Deos, & da natureza, os Gregos antigos, Delphio, & tambem Elias Hiòs diriua do de El, dição Hebreá, que significa Deos, porque muitas nações, carecendo do conhecimento do verdadeiro Deos o adoraraõ por tal; entre as quais se auentajaraõ os Phenicios. Entre os Assirios, era o seu nome Adad, na lingoa Hebraica Chamah, ou Schem, Scha, & na Siriaca, Schem, Scho, que em hũa, & em outra se interpreta Ministro de Deos, & da natureza. Os Latinos lhe chamarão Sol, & Apolo; os Ingrefes Sones; os de Phenicia, Hiliogabalo; os Alemaes, Soon, os Catabios, Egúz quia, que significa cousa que faz o dia. Os de Bretanha, Engnaull. Os Flamengos Sonne, & pera que não estejamos gastando tempo em particularizar nações, hũas lhe chamauaõ Marte, outras, Loxias, Pean, Lemio, Libistino, Didimeo, Ebona, Serapin, Fanera, Esculapio, Mercurio, Attis, Iupiter, Pan, Adonis, & Saturno, porem o nome mais commum, & conhecido

entre todas as nações, vniuersalmente era Apolo, a quem Platão sendo tam antigo, chama Apolo por sua fermosura, & por outro nome filho visiuel de Deos; & Philo Judeu, grande Rey. A Apolo adorauão os Egypcios por Deos, como cõsta do mesmo Philo Hebreu, libro de Monarchia, & lib. de vita Moysis. Poré pera proceder mos nisto cõ mais clareza, digo q̃ sendo Iupiter hũ dos mais maos homẽs, q̃ o mundo teue, quando dos peores não sera o peor, foy tam cega a gentilidade, que conuertendosse por arte diabolica em varias figuras, como diz Arnobio contragẽtes o adorauão por Deos, não por bondade algũa que tiuẽsse, senão por fingimentos com que os enganaua. Hũas vezes transformandose em Aguia pera roubar a Ganimedes filho de Tros, Rey de Troya, outras em Cisne fazendo força a Leda, molher del Rey Tindaro de Laconia: em Touro pera furtar a Europa, filha del Rey Agenor, em Dragaõ pera viciar a Olympias molher de Phelippo Rey de Macedonia; em Formiga, quando procurou de auer às mãos a Chli torina filha de Milmidon Rey dos Athenienses; em gotas de ouro pera corromper a Danacs filha del Rey Acrisio dos Argiuos, & em Cabraõ pera forçar a Penelope: pera cometer estas obras, diz Sancto Epiphanio in anchorato que foi

Platão. l. de republic.

Pierio. l. 44 c. de Sole.

Philo Iudæu l. de mundã opificio.

Philo Heb. de Mona. & lib. de vita Moys.

Arnobio cõ. tragemes.

S. Epiphani. in anchor.

grande

Segunda parte da defenſão

grande magico, & não menor feiticeiro, & por
que eſtes males, não deixassem de ter companhia
prendeo a ſeu pay Saturno no monte Caucaſo,
forçou a ſua mãy, corrompeo a ſua irmã, violou
a ſua propria filha, & caſouſſe com ella, & junto
cô iſto teue outras muitas mãcebas, como con-

Inl. de nat.
deorum
Theod. l. 8.
de Euang.
cog.

feſſa M. Tullio de natura deorum, & o aponta
Theodorito, lib. de Euangel. cognitione. S. Au-
guſtinho lib. 4. de ciuitate, cap. 25. Por eſtas obras
taõ dignas cada hũa dellas de eterno caſtigo, o

adoraraõ os cegos gentios por ſupremo de ſeus
Deuſes: & como eraõ tantas as molheres, ou
mancebas, hũas por força, outras por vontade,
teue tambem muitas filhas, & filhos; & como
tam bom pay, quilos deixar todos adoezados, &
feitos Deuſes, dãdo a cada hum dões particula-
res, pellos quaes foſſem conhecidos. As tres Gra-
ças auidas por filhas ſuas, a primeira deu dom-
de merecer o beneficio, que lhe faziaõ, a segun-
da o ſaber conhecelo, & a terceira o poder de
remuneralo com dobrada ſatisfação, donde

Fulgen, in
Miſheolog.

diſſe S. Fulgencio, que a graça quando ſae, ha de
ſer delgada, & ſem intereſſe, nem pretenção al-
gũa, mas quando tornar ha de vir muy carregada
de ſatisfações. Pintauaõnas nuas, pera mo-
ſtrar que o fazer bem ha de ſer com ligeireza,

Phornuto.
lib. de nat.
deorum,

como notou Phornuto, & ſem respeito algum

particular

particular, como diz S. Fulgencio. A Lucina fela auogada das molheres prenas ao tempo de parir, a Diana deu a guarda dos mininos pequenos, & da comida, q̄ naquella t̄ra idade he mais accomodada a sua fraca natureza. Aas horas que tambem dizião ser filhas suas, deu a cada hũa seu particular officio pera o concerto da vida, & proueito dos homẽs, como diz Diodoro li. 1. & 2. fazendoas porteiras de sua casa segundo el creue Pausanias nas suas historias Gregas. A Palas encarregou as azeitonas, & tirar dellas o azeite, o fiar, & tecer vestidos, por cujo respeito foy chamada operaria. Aas Musas sendo noue, reparo a cada hũa a inuençaõ de sua arte; A Chelio a maneira de escreuer a historia: a Thalia a arte de plantar as aruores: a Euterpe o inuẽtar as frautas: a Melpomene a Musica, & canto: a Terficore o dançar ao cortesaõ: a Erato, os bailos das bodas ao pastoril: a Poliminia, a agricultura: a Vramia, a astrologia: a Caliope, a poesia, & a Minerua, por que achou os escudos, & elmos, a fez junto com Marte Deusa das batalhas. Alem disto era tam cega a gẽtilidade, que lhe persuadio o demonio q̄ não podendo Iupiter ter filhos de sua molher & irmã Iuno, dera hũa punhada na cabeça, da qual saira Minerua, armada de ponto em bráco como quẽ não diz nada; ou conforme outros au

S. Fulgent.
vbi supra.

Diodorus li
1. & 2.
Pausan. in
hif. Grec.

Segunda parte da defensão

tores, chamou a Vulcano, & mandoulhe q̄ com hū machado lhe abrisse a cabeça, & como em dando, & fazendo tudo fosse hū, saltou Minerua della fora armada d'armas brancas com sua espada na cinta, & escudo abraçado, com todos os mais petrechos bellicos; assim o diz S. Augustinho lib. 18. de ciuit. c. 8. & mais claro o seu Esculpiastes no c. 12. Não deixou Iupiter os filhos orphaões de prerogatiuas particulares, porq̄ a Vulcano deu a inuêção de lauras, cobre, ouro, prata, & todos os mais metaes, que cō fogo se laurão; a Marte, que fosse presidête das batalhas, por inuêtar as armas com q̄ se mataõ os homês: a Mercurio entre outros officios fez Deos das mercancias, a quem, como diz Homero, sacrificauão gallos, dando a entender, que os homês letrados, q̄ trataõ negocios de importancia, conuem velar, & dormir pouco, como o faz o galo. A Apollo, em que consilte o ponto da nossa duuida, por cuja occasião toquei os disbarates destes homês mais que cegos, pois adorauão por Deuses homês tão facinorosos: a Apollo digo, fez Iupiter inuentor da arpa, & viola, da arte de medicina, do arco, & frechas, & modo de tirar: & porque matou com hūa seta a serpente chamada Pirhon, indo perseguindo a sua mãy Latona, por mandado da Deusa Iuno, como diz Ouidio li. 6. meta. & Lucano l. 1. se

S. Aug. l. 18.
de ciuit. c. 8.
Ludou. viii.
cap. 12.

S. Aug. de
ciuit. l. 3. c. 4.
E l. 18. c. 10

Homero.

Ouid. lib. 6.
Metap.
Lucano l. 1.

se chamaua a sua sacerdotissa Pithia, & as q̄ da-
 uaó repostas, q̄ o demonio lhe ensinaua, chama-
 uão Phitonissas, por serẽ como erão ministras de
 Apolo, chamado Phitõ, ou Phitus; & atè entre os
 Iudeos auia esta mã semente, como se vê 1. Reg.
 c. 28. onde mandou Saul buscar hũa destas Phito-
 nissas, pera saber della o successo da guerra q̄ em-
 prendia. *Querite mihi mulierem habentẽ Phitonẽ.* & S.
 Chrysostomo sobre a epistola 1. ad Corinth. fala
 largamẽte destas sacerdotissas de Apolo, & S. Pau-
 lo achãdo no templo de Diana em Epheso hũa
 destas Phitonissas, mandou, como cõsta dos actos
 dos Apostolos, ao demonio saisse da pobre mo-
 ça, ficãdo dahi por diante liure de aduinhar cõ
 palauras equiuocas, o q̄ não sabia na realidade
 da verdade. Paulo Orosio em sua Ormesta mũdi
 trata largamẽte dos ardis de Apolo, & diz q̄ não
 auia nação no mundo q̄ não hõrãsse este oracu-
 lo, & este nome, & não sõ em Delphos, & Tracia,
 como diz Macobrio Satur. li. 1. c. 17. mas em Siria
 & em Canaam particular habitação dos Philif-
 teos, & em a cidade d'Acharon, o adorauão por
 tal debaixo do nome de Beelsebub, & não sõ os
 gentios cegos, sem luz da fè, & conhecimẽto do
 verdadeiro Deos, mas os mesmos Iudeos mimo-
 sos, fauorecidos, & ensinados pello Spiritosãto cõ
 ley, cõ marauilhas, & santos Prophetas, andauão

1. Reg. c. 28.

Chrysost. ep.
1. ad Corinto
Act. c. 16.

Paulo Oro-
sio Ormesta
mundi.

Macrob. l. 1.
c. 17.

Segunda parte da defensão

4 Reg. 6.1

doentes desta lepra infernal, como consta do quarto liuro dos Reys cap.1. onde lemos mandou Ochofias Rey de Israel consultar o Oraculo de Apolo entendido debaixo do nome de Beel-sebub, Deos de Accaron: porque como andauo mundo tão cego, persuadialhe o demonio q̄ Marte presidia nas guerras, Iupiter nos rayos, Mercurio na eloquencia, Plutão nos thesouros, Iuno nas riquezas, Venus nos amores, Pallas nas batalhas, Minerua na sabedoria, & Apolo nas repostas, & declaração das cousas dũuidosas, & contingêtes. Sêdo pois assim como he tam antigo o adorarê os homês ignorâtes, cheos de ignorâcias, & erros, por Deos a Apolo debaixo deste nome Apolo, ou de outro q̄ o significaua, não sei como oufou a dizer o nosso Autôr do Exame, parecendo-lhe encontrava a Monarchia, que nunca tal ou uera no mundo; mas agora estou certo, q̄ neste particular de Apolo se chamar por este nome nos tempos antigos, lhe parecerà tambem a Monarchia nesta opinião, como me a mim parece todas as suas fora desta empreza. Quanto a dizer que o nome de Apolo he moderno, & que o não podião os antigos moradores do Sacro promôtorio adorar debaixo deste nome, responde por mim Cicero de natura Deorum lib.3. chamando-lhe antiquissimo, Apolinem antiquissimum, quem

quê paulo ante, &c. quãto mais q̃ Apolo foi filho de Iupiter, & Latona, como diz Ioan. Boe. l. 5. gene. deor. ou de Saturno, segundo affirma Apolo doro l. 1. bibliot. donde Natal. l. 9. c. 6. Hesiodo, Theog. & Homero em hum hymno de Apolo, quando diz: *Inclyta Latona o Saturni filia magni*. Isto presuposto, julgue agora o nosso Autor, se he moderno, ou antigo o nome de Apolo, que de seu parecer fio a resolução deste ponto.

CAPITULO XXX.

Prouase com muitos exemplos a superstição com que os moradores antigos do Promontorio sacro, venerauão a Apolo. Tocase a este proposito muitas antiguidades tocantes a esta materia. Trata-se do fogo inextinguivel do templo de Iuno, & outras cousas curiosas.

V Indo ao segundo ponto de virarem os nossos antigos Hespanhões, principalmẽte os q̃ morauão no Promontorio sagrado as costas ao sol quãdo se punha, indo visitar o templo de Hercules Egypcio; digo que deste templo por mais q̃ o Autor do Exame o negue, Epuf. Gi. rãd. fol. 15. trata mui exactamente o Bispo de Girona fo. 15.

Segunda parte da defensão

& 16. pag. 2. onde diz. *Ad extremum Oceani Promontorium vbi sacrum erat Herculis templum, & sacrum est appellatum Promontorium, &c.* E quanto á superstiçãõ de lhe virarem as costas, quando se punha ja que o não posso prouar com Laymundo, que a Monarchia aponta, proualoey com outras superstições semelhantes, porque andaua o mûndo no tempo antigo tanto aas escuras, que lhe persuadia o demonio, outras cousas muito mais alheas do entendimento humano, porque que cousa mais fora de caminho, que persuadirem os sacerdotes de Serapis ao mûdo, que sendo estatua deste seu idolo cõposta de madeira & metal, a amaua tanto a Deos Apolo, que em final do amor grande que lhe tinha, inda bem não apontaua no Oriente, quando ya decia do ceo a lhe dar na boca beijo de paz. Pera este engano tinhão feita hũa janella subtilissima, & muito pequena com tal compasso, & porporçãõ que chegando ali os rayos do sol, vinhão diretamente tocar na boca de Serapis, & andauão os homẽs tam alheos de si com esta enganosa inuençãõ, q̃ concorria infinidade de gente de diuersas partes do mûdo auer aquella marauilha, ou pera dizer melhor, infernal engano. Tinhão tambem os sacerdotes dos Idolos no templo de Serapis em Alexandria, hũa imagem do Sol feita de ferro com

Rufino l. 11.
Eccl. hist.
Ludou. vii.
sup. Ang. de
civ. l. 1. c. 6

gran

grande subtileza & arte, & no mais alto do tēplo ou capella, hũa grande pedra de ceuar cuja virtude he tam efficaz pera atrahir a si o ferro, q̄ chegou a dizer della Thales, hum dos sete sabios de Grecia, tinha esta pedra alma; & como por particular virtude, q̄ lhe cōmunicou o Autor da natureza, va leuando a si o ferro, posto o simulachro em distancia cōueniente, pouco a pouco o hia atrahindo a si, de maneira, q̄ ficaua no ar leuado da força natural da pedra, & o pouo ignorate enganado cō esta ficção, imaginaua decia Apolo do ceo, & ficado no ar como Deos, vinha cōuersar cō o seu Serapis: posto q̄ santo Augustinho cōta este engano no liu. 21. de Ciuit. ca. 6. doutra maneira, & diz o D. Sagrado, q̄ na planta do tēplo tinham os Sacerdotes posta hũa grãde pedra de ceuar, & no tecto delle outra, & o simulachro como era de ferro, & estaua entre hũa, & outra pedra, forçado da força natural das pedras ambas, ficaua no ar cō tanta admiração da pobre gētilidade, q̄ quasi não oulauão aleuatar os olhos pera os por no Idolo, adorando com tanta superstição, que se não tinha por homem, quem com ella não empregaua em seu seruiço toda a vida. Que morcegueira podião cometer os homēs, que adorar por Deos hũa cabeça de Baccho feita de pao,

S. Aug. 21.
de ciuit. ca. 6.

Demaus
philos.

segundo diz Demaus Philosopho? Que mor dili-

Segunda parte da defensão

deliramento, que sacrificarem os pays aos demônios os proprios filhos, que geraraõ, o que não fazê as feras, q̄ no monte nadem. Cõsultarãõ os Athienienfes o remedio q̄ terião pera remediar a grande fome q̄ padeciãõ pella morte de Androjeo filho de Minos Rey de Creta, & respondeulhe o Oraculo de Apolo tomassẽ sete mãcebos, & outras tantas donzellas, & as leuassẽ a Creta todos os annos, pera serem sacrificadas aos Deuses: & não durou taõ pouco este abominavel costume, q̄ não durasse quinhentos annos tẽ o tempo do philosopho Socrates. Os versos q̄ o demonio respondeo tras Eusebio de praxparat. Euang. liuro 5. cap. 10. & não ouue nação em q̄ não entrasse este diabolico costume, porque tẽ os Iudeos não ficarãõ izentos deste mal, conforme aquillo de Dauid: *Immolauerunt filios suos, & filias suas demonijs.* O glorioso S. Augustinho no liuro da cidade de Deos conta d'hum tẽplo de Venus, em que auia hũa alampada, ou vella acesa, a qual ou soprassẽ ventos, ou corressẽ nuens, & desfeitas em tempestades alagassẽ o mũdo, nada era poderoso pera a apagar, por cujo respeito lhe chamauãõ, *Lucerna inextinguibilis:* & sendo assim q̄ este fogo era feito por arte magica, ou (como aduertio S. Augustinho) q̄ o mesmo demonio debaixo do nome de Venus, se representaua

Euseb. Ces. de
prep. Euãg.
l. 5. c. 10.

Euseb. lib. 5.
cap. 10.

Psalmi.

S. Aug. vbi
supra.

sentaua cõ tãta efficacia, q̃causaua este prodigio aos olhos humanos; era com tudo tão grande a superstição, com q̃ por esta causa venerauaõ o Idolo, que não oultauõ a põr os olhos nelle, & se com hũa alãpada acesa fazião isto os homẽs, que muito he fizessẽm o mesmo os q̃ viuião no promontorio sacro, onde estaua o tẽplo d' Hercules, vendo apagar, conforme sua imaginaçãõ, aquella alampada da natureza, como lhe chama Homeio? Do tẽplo de Iuno Lacinia, do qual fez hũa empreza o Marques del Vastõ, escreue Hieronymo Ruchelo estas palauras. *Mete mons. Gio Ruchelo nas suas emprezas.*

*uo, questa impresa, & espone ch' ella era il tempio de Giunone Lacinia, il quale sostenuto da colõne auenua vn' altare in mezo col fuoco acceso ch' per niun vento non si spegneua mai anchor ch' il tempio fosse aperto da ogni parte per li spattio de gli intercolonnis. E soggiunge ch' il Marchese la fece per dimostrare ad vna dõna da lui lungamente a mata ch' il fuoco dell' amor suo, era eterno, & inestinguibile come quella della già detta Giunone Lacina. Posto que Plinio no liuro 2. conta esta marauilha, não do fogo, como diz Iouio, & Ruchelo, senão da cinza dos sacrificios posta sobre o altar, cujas palauras saõ as que se seguem. *Plinio l. 2. Iouio & Ruchelo, vbi supra.**

In Lacinie Iunonis ara subdio sita cinerem immobilem esse, flantibus vndique procellis. O mesmo affirma Val. Max. lib. 1.

Qua propter
Crotone

Segunda parte da defensão

*Crotone in templo Iunonis Lacinia aram ad omnes ven-
tos immobili cinere donauerit potissimum.* Mas, ou
fossem cinzas que os ventos não leuauão, ou
fogo que com elles se não apagaua: tudo era in-
uençaõ do demonio. Em Roma no templo de
Vesta, em Athenas, no de Minerua, & em Del-
phos, no de Apolo sempre auia lume perpetuo.
Pedro Appiano no liuro Inscriptionis totius or-
bis fol. 337. diz se achou em Padua hũa sepul-
tura com este lume inextinguiuel, em hũa vela,
ou alampada aceza, metida em duas urnas,
hũa de prata, & outra de ouro com huns versos,
que diziaõ.

Appiano l.
Inscriptio-
nes totius or-
bis

*Plutoni sacrum munus ne attingite fures
Ignotum est vobis hoc, quod in urna latat
Namque elementa graui clausit digesta labore
Vase sub hoc modico, Maximus Olibius
Adsit fecundo custos sibi copia cornu
Ne pretium tanti deperiat laticis.*

Os versos da segunda urna eraõ os seguin-
tes.

*Abite hinc pessimi fures
Vos quid vultis vestris cum oculis emisistis.
Abite hinc vestro cum Mercurio petasato, caduciatq;
Maximus, maximo donum Plutoni hoc sacrũ fecit.
No cõmento de S. Augustinho, lib. de ciuit. 21. c.
6. se lê, que em hũa sepultura antiga, se achou*
hũa

hũa alampada, ou vella acesa, que conforme o titulo, & inscripção que nella se auia feita a com putação dos tempos, auia mil & quinbentos annos que ardia sem se apagar. Vsa o demonio d'algũas cousas naturaes, como alume de piuma, como se pronuncia na lingua Italiana; na Arabica a lume de Iamen; na Latina, Asbestus; na Grega, Adianto, & Schistod, que se interpreta inextincto, ou inextinguiuel, pera cõ estas inuẽções enganar os homẽs, & trazelos cõ admiração a adoração dos Idolos persuadindolhe he milagre, o q̃ muitas vezes nasce de causas naturais, como affirma o mesmo Sancto Augustinho, lib. de ciuitat. 21. cap. 6. tratando do fogo inextinguiuel do templo de Venus, onde diz. *Aliquid etiam in illa lucerna veneris de lapide asbesto, artificè fieri potuisse iam diximus.* Outras vezes vsa o demonio de encantamentos, & palauras tam forçosas, como mostra o mesmo S. Augustinho, trazêdo hũs versos de Virgilio no 4. dos Eneidos, o qual tratando de hũa molher feiticeira diz assim.

S. Aug. lib.
de ciuit. 21.
cap. 6.

Virg. 4. E.
neidos.

*Hæc se carminibus promittit soluere mentes
Quas velit: ast alijs, duras immittere curas:
Sistere aquam fluijs, & vertere Sydera retro:
Nocturnosq; ciet manes mugire videbis
Sub pedibus terram, & descendere montibus ornos*
Destas ignorancias, & superstições gentilicas fa-

ço este argumento. Se a sabedoria Egypciaca, a eloquencia Grega, & a policia Romana se enganaua com algũas cousas naturais, & outras artificiosas, que muito he, q̃ homẽs menos politicos, & mais barbaros, moradores no fim do mundo venerassem o sol, & cõ as ceremonias q̃ conta a Monarchia por authoridade de Laymundo, lhe tiuessẽ respeito, não ousando de por nelle os olhos, quando escondia seus rayos nas agoas do mar Oceano? & se os Egypcios não olhauãõ pera o seu Serapis, quando hum rayo do sol lhe tocava na boca, que espanto he, virarem lhe as costas os moradores do Sacro promontorio, quando se punha? & se os mais sabios não ousauãõ olhar pera a alampada de Venus, antes lhe virauãõ as costas, por não ver aquella mara uilha, sendo assim, que era hũa vella feita por artificio; como não vsariãõ das mesmas ceremonias hũs homẽs ignorantes, vendo eclypsar seus rayos a hum olho do mundo, alegria do dia, ferrosura do ceo, graça da natureza, & prestancia das creaturas, como lhe chama santo Ambrosio de operibus sex dierum? Couisa certa he adorem os antigos Egypcios por Deos, aos Ceos, a todas as estrellas, & astros delles com tanta veneração, que lhe attribuyam alma, como se elle fora capaz della. Dos Gregos affirma Platão em

*S. Amb. de
operibus sex
dierum.*

Cratillo, adorauão por Deos ao Sol, à Lua, às
estrellas, & ao mesmo firmamento, & não digo
ja os Gregos, mas os mesmos Iudeos lhe dauão
a adoração, que sô a Deos verdadeiro, cuja ley
professauão, era deuida, como consta do 4. liuro
dos Reys, cap. 17. onde diz a sagrada Escripura.

4. Reg. 17.

*Adorauerunt omnem vniuersam militiam caeli, serui-
erunt que Baal, & del Rey Manaffes, notou o Texto
sagrado, que adorauit omnem militiam caeli, & coluit* 2. Paralip.
eam: & não sô adorou as estrellas, & astros do 33.

Ceo, imitando nisto, como em tudo bem mal o
zelo, & virtude de seu pay Ezechias, mas ainda
lhe leuantou aras, & dedicou altares, *edificauit*
autem altaria cuncto exercitui caeli. Os Philosophos
Platonicos a quem segue M. Tullio affirmauão
33.

2. Paralip.

tinhaõ alma os corpos celestes. Saõ as palauras
de Cicero in sexto lib. de Republica, as seguin-
tes. *Hominibus animus datus est ex illis sempiternis*
ignibus, quæ Sydera, & stellas vocatis, quæ globosæ, &
rotundæ, diuinis animatæ mentibus circulos suos, orbis-
que conficiant claritate mirabili. Philo Iudeu, in lib.
de somnis, diz, que as estrellas saõ participantes
da rezaõ, & diuinas. Os Piripateticos, & seu me-
stre, & capitaõ Aristotel. assi no sep. & oct. natu-
ralium, como no liuro 2. de Cælo affirma o mes-
mo dizendo. *Oportet ipsa viuentia esse existimare,*
atque actionem habere. O mesmo parecer segue
Theo-

Tullius, in
6. lib. de Re-
publ.

Philo in li.
de somnijs,
& in lib. de
opificis sex
dierum.

Arist. 7. & 8.
natur. & de
Cælo, lib. 2.

Segunda parte da defenſão

Theophrast.
l. de Cælo.
Afrodiseo,
in cõment.
in lib. 12. p.
philos.
Auicena.
Algazeles.
Albumasar
Ali. Arato.
Manillo.
Zaeles.
Ptolomeu.
S. Aug. l. 8.
de Ciuit.

Theophrasto lib. de Cælo Alexander Afrodiseo in comment. in l. 12. primæ philosophiæ, Auicena, Algazeles, Albumasar, Hali, Arato, Manillo, Zaeles, & Ptolomeu, os quais expressamente affirmam, que tem os Ceos alma, & que com ella viuem. Os Athenienses conforme escreue S. Augustinho liuro 8. de Ciuit. condenaram a morte ao philosopho Anaxagoras, só por negar não tinha o Sol alma intellectual, nem era, nem podia ser Deos. Donde formo este enthimema. Se homens tam doutos, Philosophos tam grandes, & gente pello mesmo Deos escolhida se enganauam com a fermosura do Sol, como se não enganariam com elles huns homens mais barbaros, que prudentes, & mais ignorantes, que auizados. Quanto mais que o Doutor frey Bernardo de Britto, não conta estas ceremonias dos moradores do Promontorio sagrado, como cousa infaliuel, senão com suas pedras de sal, apontando com Laymundo, & os historiadores que as contaõ, & não pondo em disputa a verdade dellas; & se nisto ey de dizer meu parecer, não lhe acho difficuldade alguma, pella qual se lhe não dê inteiro credito, porque se nos lemos em Sancto Augustinho, liuro de Ciuit. en Santo Isidoro Ethimol. Em M. Tullio lib. de natura Deorum, em Dionysio Alicarnaseo, lib. 1. em

Aug. lib. de
Ciuit.
S. Isidor.
Ethi.
Tul. l. de Na.
tur. Deor.
Alicarnaseo
lib. 1. c. 2.

Tito

Tito Lívio, decad. 1. em Lactancio Firmiano, Liuius, de-
cad. 1. lib. 10.
lib. 4. em Beda de natura rerum, & em outros & 2.
infinitos, que os Romanos adorauão por Deos Firmian. l.
a hũa pedra, que lhe naõ seruia de outra cousa, 4. cap. 23.
mais que de demarcar as terras, & campos: & Beda de na-
tura rerum
lhe chamauão o Deos Termino, com tam nota-
uel superstição, que se alguem lhe tocava com
menos modestia do q̃ se deuia á sua falsa diuin-
dade, inda que verdadeira em sua opinião erro-
nia, não tinha menos pena, que a da morte, a
qual executauão com tam riguroso procedimẽ
to que não esperaua a pessoa que via este sacri-
legio pella sentença do Iuiz, nem defesado Reo,
senão em vendo, & fazendo, tudo era hum: in-
do bem o não via, quando ja lhe tiraua a vida,
tam longe de o castigarem por este delicto, que
ficaua tido em grande reputação, como quem
vingara a injuria feita ao seu Deos: A Syluano, a
quem os Gregos, como diz S. Isidoro, & Seruio,
chamão Pan, pintauão no os Antigos com os S. Isidor.
Ethim. l. 8.
rayos do Sol, com os cornos da Lua, o rosto a- c. vltimo.
brasado, no peito estrellas, as pernas, pès, & vnhas Seruio su-
per Aeyd.
de cabra, a pelle de Tygre, nas mãos hum orgão virg. l. 8.
com sete frautas: & sendo assim que esta pintu-
ra he hũa pura chimera, & hum monstro de na-
tureza, chamauão no Licèõ, ou Louino, por se
persuadirem tinha poder pera espantar os Lo-
bos,

Segunda parte da defensão

bos, & defender o gado. E imaginando arranca-
ua as eruas do campo, & os destruiu depois de
femeados, o adorauão com tanta superstição,
que pello aplacar lhe sacrificauão hum cabrito,
ou cordeiro cosido com leite, com outros ritos
gentilicos, que se podem ver na minha Polian-
thea Lusitana, na vida de S. Victor. tratando do
Idolo Syluano. Os mesmos Romanos, & Eglyp-
cios sendo naquelle tempo a policia, & saber do
mundo, adorauão por Deos, a hum animal de
geração de Bugios, chamado Cinocephalo, co-
mo notarão Solino, Diodoro Siculo, & S. Ifido-
ro, cujo corpo he como de hum homem, com a
cabeça, & dentes de Cão. Estes Cinocephalos
mandauão os Reys do Egypto, segundo escre-
ue Eliano ensinar a tanger arpa, a ler, a dançar,
& a cantar (Fides sit apud Authores) o que apre-
dião, & fazião com tanta destreza, que admira-
dos os homens rudes assim por esta arte, como
tãbem por aprenderê delles os Sacerdotes, & Sa-
bios do Egypto, a diuidir o dia, & noite em vin-
te quatro horas, por certa natureza, q̄ nestes ani-
mais obseruou a experiencia, não obstante o se-
rê ferossimos, & brauos, como affirma Plinio,
o adorarão por Deos. Este Deos tal qual era, ou
pera dizer melhor, este demonio trouxe o pouo
Romano do Egypto cõforme quer, & o aponta

Solino:

Diod Sicul.

S. Ifidoro.

S. Aug. l. 11

de ciuit. c. 3

Eliano lib.

16. c. 8.

Plinio, l. 9.

cap. 54.

Lucano

Lucano em sua pharsalia libr.8. reconhecendo, & adorando nelle a diuindade que não tinha, como diz santo Augustinho, & santo Isidoro: Não os defenganádo ver não prestaua pera Deos, quem era tam pouco sabio, que os mesmos homés, ou mininos lhe ensinauão o que não sabião. Sendo pois isto assim como he, que gente tam douta, & politica viuia tam cega, que no meyo de sua sabedoria andaua tanto às escuras, que adorauão por Deos hum animal brauo coufa tam fora de rezão, & bom entendimêto, que muito he, que hũs homés que morauão no fim do mundo sem letras, sem sabios, & sem philosophos, que os encaminhassem, se enganassem có o Sol, & sua fermosura, adorando por Deos, & celebrando có summa admiração o esconder a claridade de seus rayos, debaixo das ondas do mar Oceano? Quanto mais, q se os moradores do Promontorio sacro tiuerão algũ parentesco com Pontico Hostico, & com Smydirides, não fazião grande ventagem em virarem as costas ao sol quando se punha, por não verem tam grande falta no Deos que adorauão, pois hum, & outro confessa de si, não virão pôr o sol em vinte annos, ou mais, segundo aponta Rauisio

Lucano in
Pharsal. l. 8
S. Aug. l. de
ciuit. 3. c. 12
S. Isido Ethic
mo. l. 8. c. 16

Rauis. par. 2
fol. 77.

Segunda parte da defensão

CAPITVLO XXXI.

Tratase da virtude da Religião do templo de Vlysses, & fundação de Lisboa. To case a detença que Vlysses fez nestas partes de Lusitania, da rezão della, da carta de Penelope, & outras antiguidades.

Alexander
ab Alexan.
li. 4. c. 11.

Arist. Polit.
l. 5.

Dion Nizeo
di nst prin

Tul l. 1 de
nat. Deor.

Costume foy mui antigo entre os gentios, não dar principio a cousa algũa de cõfidezação, sem tratar primeiro o q̃ conuinha ao augmento de sua Religião, ao seruiço de seus templos, & ao culto de seus Deuses: a causa disto aponta Aristoteles nas suas Politicas dizendo. *Princeps circa Deorum cultum afficitur vehementer, minus enim formidant populi, ne quid contra iustitiam fiat, si Religioni deditum, illum existimabunt, ac Deorũ timorem haberent.* E com muita rezão, porque o bom principe, como dizia Deon Nizeo ao Emperador Trajano, ha de temer, & reuerenciar a Deos, como Religioso, reger sua Republica como prudente, & gouernar seu Reyno como sabio. He a virtude da Religião (segundo a diffine Marco Tullio lib. 1. de natura Deorum) hum pacto de justiça, pello qual se obrigão os homẽs a seruir, & honrat a Deos, pois não ha quem tendo

do perfeito vfo de rezão, o não entenda, sob pe
na de ser contado em o numero dos brutos, co-
mo disse Trismigisto: & he isto tanto assim, que
os Atheniêses delterrarão ao philosopho Diago
ras, soo por disputar, & pòr em questão se auia
Deuses. Quando Cambises Rey de Persia man-
dou a seu filho Ciro, fosse visitar a Astiages seu
auô, dispidindose d'elle, disselhe estas palauras.

*Trismegisto
Fran. Mon-
zon. espelho
de Princep.
l. 1. c. 16.
Xenoph. l.
de padia Ciro*

Hũa coufa vos encomendo filho meu, q̄ estima-
rei tenhais sempre na lembrança, & que vos não
falte nunca da memoria, como joya de preço in
extimauel, & dada por mão de pay q̄ muito vos
ama. Esta he, q̄ sejais muy deuoto, & amigo dos
Deuses, & que em nenhũ tempo deis principio
a coufa algũa, sem primeiro lhe pedirdes seu fa-
uor, & ajuda: por q̄ os homês em tudo são faltos,
& faltão, & a sabedoria eterna, nenhũa coufa he
escondida, antes por seu saber infinito, se por
quem he quer fauorecer, & com effeito fauore
ce algũa pessoa, tudo aquillo em q̄ poser a mão
lhe ha de succeder venturosamente bem. Na hi-
storia dos Reys do Peru se lê, q̄ conquistando al
gũa terra diuidê seus tributos em tres partes, &
a primeira, & mais principal he, pera o ornato dos
têplos, julgando, q̄ não se descuidádo o Principe,
daquillo q̄ pertence ao culto dos Deuses, se lêbra
rão elles, do q̄ conuem ao augmêto, & conserua-

*10 sep. de aco
sta hist. mor
dos Ind. l. 6
c. 15.*

Segunda parte da defensão

ção de seus estados. Esta foy a causa porque Romulo restaurador de Roma, conformandose cõ o costume antigo, notou o o Rosino, no principio de seu Reyno, edificou o templo de Iupiter Pheretrio. O mesmo fizeram os successores de Hercules em Athenas leuando outro, a que chamam casa da misericordia, porq̃ todo o delinquente que se acolhia, & valia delle, o não podião prender por mais ignorme que fosse seu delicto, como consta destes versos do Poeta Estacio.

Rosino de an
tiq. Rom. l.
2. c. 5.

Ioan. Rosin.
vbi supra.

Stacius l. 12
Thebaid.

*Vrbe fuit media, nulli concessa potentum
Ara Deum, mitis posuit clementia sedem,
Hic victi bellis, patriaque è sede fugati,
Regnorumque inopes scelerumque errore nocentes
Conueniunt, pacemque rogant.*

Este costume tam vsado, como antigo goardou o grande Capitão, & Rey Vlysses, entrando pelas prayas do famoso Tejo, vindo da guerra Troyana, porq̃ a primeira cousa q̃ nellas fez foy edificar hum templo a sua Deusa Minerua, que os Antigos tinham por particular auogada da eloquencia: & como Vlysses fosse vnico nesta arte todas suas cousas regia por ella, tendoa por tão familiar que Homero introduz muitas vezes esta Deusa (falando a seu modo) aconselhando nos casos arduos, & difficultosos, onde parecia não auer algum remedio por via de

Strabo geog
lib. 3.

con-

conselho humano. Deste templo faz menção Af-
 clepides Mirleano Grego, natural de Apamea,
 chamada primeiro Mirlea, não muy longe de
 Constantinopla, cujas palauras tras Strabo libro
 3. & Aelio Antonio Nebricense no seu prologo
 ad Lectorem na historia del Rey Dom Fernan-
 do, & da Rainha Catholica Dona Isabel, as quais
 são. *Is in templo illo se vidisse commemorat parmas sus-
 pensas a plustra rostraque naualia.* Querem dizer. Af-
 firma Asclepides vio com seus olhos no templo
 de Minerua, edificado sobre as prayas do rio. Te-
 jo em Lisboa os escudos dos companheiros de
 Vlysses, feitos a modo de burqueis, em memoria
 de seu primeiro fundador esporões, lemes, ga-
 uias, & outros ornamentos das naos, em que ali
 apportarão dedicados ao Idolo de Minerua, co-
 mo em tropheo de os trazer a saluamento, & a
 prouincia tam fertil, & deleitosa. Não discrepão
 deste parecer Possidonio, & Artemidoro, que
 Strabo tras pera confirmar sua sentença, dizen-
 do. *Superiora Regionis Montane loca, Vlysseam osten-
 tant, in qua est Mineruae templum:* E o Nebricense
 in prologo vbi supra, diz: *Vlyssiponem urbem ex suo
 nomine cognominatam, fundauit, atq; ibi Mineruae, quã
 peculiariter colebat, templum erexit;* como se diseraõ.
 Fundou Vlysses a famosissima cidade de Lisboa,
 & nella hũ tẽplo sumptuosissimo dedicado a sua

Asclepides a
 pud Strab. l. 3
 Aelio Antero
 in prologo
 ad lectoreis
 hist. Regis
 Ferd. i. & E-
 lisabet;

Possidonio
 Artemidoro
 apud Strab.
 l. 3. geogr.
 Nebricens.
 vbi sup.

Segunda parte da defensão

Deusa Minerua, a qual por muitas rezões era particularmente afeiçoado ; & porque o nosso Autor do Exame parece querer mostrar q̄ nunca Vlyffes chegou às prayas do Tejo, pera nellas edificar templo, nem cidade, porei suas palauras pera examinarmos este ponto. Tudo se pode crer inteiramente (diz o nosso Autor) pois se funda na verdade & credito do Tarcanhota, & não tratando d'outro lugar que tras a Monarchia da epistola de Penelope pera Vlyffes, com que parece queria prouar que estaua em Lisboa, quando teue os amores que escreue Homero com a Nympha Calipso, no qual lugar com outros que a Epistola vai continuando, se vê claramente mostrar Penelope, que não sabe em que parte, terra, ou Reyno esteja Vlyffes, tam longe está de o por em Lisboa. Estas em ponto são as rezões do Autor do Exame, & porque sem mais fundamento que o de sua vontade propria, quer reprovar opinião tam approuada, sem apontar Escriptor algum que tal diga, querolhe emprestar meya duzia delles, pera que este seu pensamento não va tam pobre; seja o primeiro Bernardo Aldrete, no tratado da origem da lingoa Castelhana liuro 3. capite 1. Laurentio Valla na historia del Rey Dom Fernando de Aragão, Dom Francisco Fernandes de Cordoua na sua Didascalialia capit. 47. Abrahão Ortelio na taboa de Hespanha antiga, Mariana na

Bern. Aldre
trat. l. 1. c. 1.
Valla in
hist. Arag.
D. Francisco
Fernad Di-
dasc. c. 48.
Ortelio na
taboa de
Hesp.
Marianana
bis de Hesp.
mha l. 1. c. 12

histo-

historia de Hespanha liuro primeiro capi.12. & algũs outros que por nouidade affirmão deu os primeiros fundamentos à cidade de Lisboa Elisa filho de Iaban, & bisneto de Noe, & que Vlysses fo a restaurou, & ampliou. Com tudo isto digo, que he doutrina tam recebida, & tradiçãõ tam antiga, fundar Vlysses a cidade de Lisboa, vindo da guerra Troyana, que me parece tempo mal gastado todo o que gastar em prouar verdade taõ clara: mas pois me he forçado prouar este ponto, respondo primeiramente a authoridade dos authores que emprestei ao nosso Exame, que os primeiros não tem solido fundamento, pois fazem duas Vlyssêas, & hũa dellas poem em Andaluzia, & as outras não aduertirão, que d'Elisa neto de Iaphet, vem os Gregos, *qui Æolide dicuntur*, como affirma dom Rodrigo Bispo de Toledo, & de Iauan pay de Elisa, procederão os Gregos, q̃ destruirão o Reyno Troyano. Alem disto cõfirmão a verdade da Monarchia acerca de ser Vlysses o primeiro fũdador de Lisboa, Raphael Volaterrano, Ioachimo, Vadiano, Carolo Stephano, Andre de Resende, Artimidoro, Possidonio, Ælio Antonio, Strabo, & Damião de Goes na descriçãõ de Lisboa, Mela lib. 3. cap. 1. Plinio libro 4. cap. 22. Ptolomeo geograp. lib. 2. cap. 41. Solino no capite 36. Marciano Capella libro 6. Santo

Volater. in
geog.
Ioachimo.
Vadiano.
Carolo.
Stephano.
Nebricense
in prologo
vbi supra
Artemidoro
& Possido.
vbi sup
Goes in des-
crip. Vlyss.
Mela l. 3. c. 1.
Plinio li. 4.
c. 22.
Ptolomeo
geog. l. 2. c. 41.
42.
Solino c. 36
Marci Ca-
pel. l. 6.

Segunda parte da defensão

Isidoro, lib. Orig. 25. Isidoro lib. Orig. 25. & outros que apontarei em particular no discurso deste capitulo, dos quais ferá o primeiro o nosso Andre de Rezende assi no seu Vincencio, como nas antiguidades Lusitanas, lib. 1. onde escreue o seguinte. *In Lusitania Hispanie, promontorium est, quod Artabrum aly, alij Vlysiponense dicunt, & logo mais abaixo. Ibi opidum Olysipto ab Olysse conditum.* Quer dizer em Lusitania ha hum promontorio, ao qual huns autores chamão Artabro, & outros Olysiponense, onde está situada hũa cidade a que o Capitão, & Rey Olyses deu os primeiros fundamentos, & chamou de seu proprio nome Olysipto. Sancto Isidoro nas suas Ethimologias, Marciano Capella apud Resende, vbi supra, & *Ælio Antonio in prologo ad Lectorem, dizem. Vlyses præterea in decenario illo suo errore, Hispanie exteriores lustravit oras, vbi Vlysiponem urbem ex suo nomine cognominatam fundauit, atque ibi Minerua, quam peculiariter colebat, templum erexit.* He como se differa. No tempo em que o grande Vlyses andou correndo varios naufragios no mar, tomando porto em as prayas de Hespanha, fundou nellas a cidade de Lisboa, dandolhe seu proprio nome, & nella edificou hum templo a Minerua de que era deuoto, & afeiçãoado; o mesmo segue Arnoldo Theatro de conuers. gent.

Georg.

S. Isidor. nas suas Ethim. lib. 25.

Marc. Capella apud Resend. lib. 1.

Ælio Antonio in prologo ad Lectorem, bist. Reg. Terd.

Arnoldo Theat. de conuers. gent. her.

Georg. Cælio, de cons. infant. her. Laymundo li. 1. de antiq. Lusitan. Asclepides lib. de Turd. Strabo lib. 3. EGariuay lib. 4. cap. 29. fol. 117. no seu compendio historial, diz as palauras seguintes. *Vlyxes* antiendo becho vn templo cerca de Malaga en los montes que agora llaman en Arabigo *Axarquia*, vino por mar a la tierra que dizimos Portugal, donde fandò quasi en el año 1163. antes de la Natiuidad de Christo, en la ribera de Tajo, vna ciudad, que de su nombre llamo *Vlyxipolis*, que en lengua Griega quiere dezir Ciudad de *Vlixes*, que agora se dize Lisboa, la qual en nuestros tiempos es la mayor poblacion de Hespaña, siendo ordinario aposiento de los Reyes de Portugal. E Raphael Volaterrano lib. 2. diz assim. In ora ciuitas Regia *Vlyxipo*, Plinio vocata, Antonino in Ode porico, *Vlyxipona*, Straboni vero *Vlyxea*, que vna cum *Minerua* templo *Olyssis* indicabat errores, & exercitum hac delatum, vt idem testatur autor. Por esta opinião tam verdadeira fazem huns versos do Infante Dom Pedro, feitos em louuor de Lisboa, dizendo.

Porque tu fostes a colheita

Daquelle Grego sesudo

Tam matreiro

Ate fez toda bem feita

Neste logo tam sabudo

A neste oiteiro.

O Bispo

Georg Cælio
de cons. inf.
her.

Laymun. de
antiq. Lus.

Asclepides
lib. de Turd.

Strabo li. 3.
Gariuai li.
4. cap. 29.

Volaterra
lib. 2.

Infante D.
Pedro.

Segunda parte da defesa

Gironense,
lib. 10

O Bispo de Girona lib. 1. fol. 22. escreue o seguinte. *De Vlysea vrbe Strabo meminit dicens superiora regionis montana loca Vlyseam ostentant, in qua erat Mineruae templum, vt autor est Possidonius.* A cidade de Lisboa, a qual Vlyses fundou no lugar mais alto da montanha, como inda estaua no tempo de Strabo, segundo elle mesmo confessa, & nella edificou o Templo de Minerua, de que tudo he autor Possidonio, & Florião do Campo, no seu primeiro liuro, no cap. 38. diz assim. Hallo tambien hecha notable mencion en todas las historias antigas de otro capitán Griego llamado Vlyxes, mui prudente, y sagaz em demasia, el qual vino en Hespaña, y llegado a la boca del Rio Tajo se metio por el agua arriba, que viene por alli mui crecida, y espaciosa, donde fundo sobre la ribera vna ciudad, que por su causa nombraron Vlixipolis, y los Latinos adelante la llamaran Vlyssippo Salaria. Esta ciudad Vlyssippo nombramos agora Lisboa, & Pomponio Mela lib. 3. cap. 1. diz. *Est in proximo signum Salatia, in altero Vlyssippo, & Tagi ostram, omnis aurum, gemmasque generantis.* Quer dizer; em hũa enseada está Salatia, & em outra Vlyssippo, & a boca do Tejo, rio que cria ouro, & pedras preciosas. Salatia bem sabem todos, q̄ he oje Alcacere do Sal, & Vlyssippo, he Lisboa situada na boca

Florião. 1.º
cap. 38.

Pomp. Mel.
lib. 3. cap. 1.

boca do rio Tejo. Plinio descreuendo os lugares da costa de Lusitania diz estas palauras. *Op-pida memorabilia à Tago in ora Olissipo.* Quer dizer. Os lugares dignos de memoria, alem do Tejo na costa, he Lisboa. Strabo lib.3. a quem segue Solino escreue o seguinte. *In Lusitania, promontorium est, quod Artabrum alij, alij Vlyssiponense dicunt, hoc caelum, terras, & maria distinguit. Terris Hispaniae latus finit, caelum, & maria, hoc modo diuidit, quod à circuitu eius incipiunt, Oceanus Galicus, & frons Septentrionalis, Oceano Atlantico, & occasu terminatis. Ibi oppidum Vlyssipo ab Vlysse conditum, ibi Tagus flumen.* He como se differa, explicando só o que serue a nosso intento. Em Lusitania está a cidade de Lisboa, fundada por Vlyses, na boca do rio Tejo. O mesmo affirma Marciano Capella, dizendo. *Olyssipponem illic oppidum ab Olysse conditum ferunt.* Isto he, dizem que a cidade de Lisboa foi fundada por Vlyses. E Ioannes Camertes in Solinum fol.66. diz. *Est Vlyssippo oppidum ab Vlyse conditum, ex cuius nomine, promontorium appellatur, quod maria, terrasque distinguit.* Quer dizer. A cidade de Lisboa he fundação de Vlyses, de cujo nome tomou o seu hum promontorio della, chamandosse Olyssippone. Quero fechar este capitulo, com a authoridade de S. Isidoro, o qual no liuro 25. no cap.1. diz. *Vlyssippona ab Vly-*

Plinio l. 4.
cap. 22.

Capella. l. 6

Ioannes Camertes in Solinum fol. 66

S. Isidoro lib. 25. c. 2.

Segunda parte da defensão

se condita, & nuncupata. Onde significa, que Lisboa foy fundada por Vlyses, & chamada aſſim de ſeu proprio nome. Isto tudo preſuposto, julgue agora o Leitor ſe eſtã eſta opiniaõ da Monarchia bem fundada; & ſe chegou Vlyſſes às prayas do Tejo, por mais que o Exame das antiguidades o negue, & ſe podera apontar o Doutor Frey Bernardo mais authores, que o Tharcanhota, pera confirmar verdade tam calificada; mas como eſcreuia com chanefa, & ſem imaginar podia alguem ir contra a honra de ſua patria, não alegou no particular deſta opiniaõ mais, que Laymundo, & o Tharcanhota, pareendolhe baſtaua menos pera hũa couſa tam antiga, como certa, & verdadeira. Deixando a reposta da Epistola de Penelope, & outras hiſtorias poeticas, pera o capitulo ſeguente.

CAPITULO XXXII.

Reſpondeſe à carta de Penelope; moſtraſe como as ficções poeticas ſão muitas vezes hiſtorias moraes, & verdadeira philoſophia.

Couſa mui ſabida he ſerem os antigos Egypcios a gente mais miſterioſa que ouue
entre

entre todas as nações do mundo : daqui nasceo
 explicarem seus conceitos por hieroglyphicos,
 que quer dizer, sculturas, ou figuras sagradas ; &
 alsi pera significarem as bodas, pintauão a pal-
 ma, a qual segundo Plinio, são Basilio, & Santo Plinio nat.
 hist. lib. 13.
 cap. 4.
 S. Basil.
 Ambrosio, estando sò he esteril, & não dà fru-
 cto, & à vista, & na companhia d'outra, fica hom. 3. in
 Exam.
 S. Amb. l. 3.
 Exam. c. 13
 sendo fertilissima. Para declarar o amigo sem
 proueito, pintauão hũa Andorinha, porque sen-
 do tam familiar em todas as casas, & fazendo Pierio Val.
 lib. 27. c. de
 arund.
 sua continua habitação entre os homens, nun-
 ca se faz domestica, nem mansa, como as outras
 aues, & morando comnosco no veraõ, se apar-
 ta de nós no inuerno, o que tudo he contra a
 obrigação do bom amigo. *Amicus certus in re in-
 certa cernitur.* E como nenhum perigo seja ma-
 ior, que o da honra, & credito, nem nenhũa ab-
 sencia mais se remedio, q̃ a da morte, hemẽ for-
 çado para satisfazer cõ estas duas obrigaçoens,
 cõtinar cõ a defensão de quẽ não pode acudir
 por sy, diz o D. fr. Bernardo de Brito na sua Mo- Britto.
 narchia Lusytana, tomãdo de Laymũdo no seu
 primeiro liuro, q̃ Gorgoris Rey d' Hespanha te-
 ue noticia doq̃ passaua na noua pouoação de Lif-
 boa, q̃ pera conhecer mais de raiz o intento dos
 Gregos, & de seu Capitão Vlysses se veyo àquella
 parte, acompanhado com sufficiente numero
 de

Segunda parte da defensão

de Portugueses, & quasi em som de peleja, mas que Vlysses o soube tratar com tanta brandura & bom procedimento, que se tornou contentissimo de os deixar viuer em sua terra, entendendo o proueito que de sua communicacão podia recrecer na gente Lusitana, & lhe offereceo molheres da terra com que casassem os Soldados, & a Vlysses deu por molher sua propria filha, que elle aceitou pera ganhar com esta sombra de matrimonio a vontade da gente Hespanhola, & viueo com ella alguns tempos com grande quietação, & descanso. Isto presuposto diz a Monarchia por conjecturas, que nesta historia fundaria a Poeta Homero os amores fabulosos que conta de Vlysses com a nympha Calipso, & não foy o Doutor frey Bernardo o primeiro que deu neste pensamento, porque antes delle o teue o Mestre Andre de Resende em hũa Elegia que fez da cidade de Lisboa. Não que hum nem outro, o contem por verdade, senão conjecturando nesta materia, inferem desta historia verdadeira, que nella fundaria Homero a sua ficção poetica, & Ouidio a occasião da carta, que finge de Penelope pera seu marido Vlysses, mostrando nestes fingimentos sua habilidade. Contra isto tudo, se arma o nosso Autor do Exame dizendo não veyo Vlysses nunca

nunca a Lisboa, nem fundou cidade tam famosa, o que diz proua com dous versos da primeira Epistola de Ouidio, que aponta por sua parte.

Victor abes, nec scire mihi quæ causa morandi,

Aut in quo lateas ferreus orbe licet.

Ouid. Epist.

1.

No qual lugar, diz o Autor das antiguidades, com outros que a Epistola vai continuando, se vê claramente mostrar Penelope que não sabe em que parte, terra, nem Reyno esteja Vlysses: tam longe está de o pôr em Lisboa. Em verdade que são fracas columnas dous versos de Ouidio pera fundar hũa machina tam grande, como he afirmar, não fundou Vlysses a cidade de Lisboa, tendo contra sy tantos, & tam graues Autores, como aponteí, & se podem ver no cap. passado; & respondendo a Epistola de Ouidio, digo, que nem Penelope escreveu tal carta, nem era possiuel escreuella o q̃ prouo desta maneira. A destruição de Troya, donde Vlysses vinha, succedeo quatrocentos, & trinta & tres annos, segundo a conta de Apollodoro, antes de Romulo nacer no mundo, que foy na septima Olympiade, & conforme o Arcebispo Dom Rodrigo, quatrocentos & quarenta & dous: *à captione Troya, diz elle, vsque ad Romulum anni 442.* & Ouuidio floreceo na Olympiade cento & nouenta, pouco mais, ou menos,

Apollodoro
vbi supra.

O Arcelisp.
po D. Rodri
go, l. 1. c. 3.

Segunda parte da defensão

nos, que fazem setecentos & sesenta annos, & quem de 760. tira 28. que se montão nas sete Olympiades, ficão 732. & isto pellas contas de Apollodoro, & quem a estes 732. ajuntar 433. em que Troya foy destruida, antes de Roma ser fundada, soma tudo 1165. annos, & todos estes passarão do tempo da Rainha, & casta Penelope, tè a idade em que Ouuidio podia forjar em seu entendimento aquella carta, como as de Palmeirim de Inglaterra, que são huns puros fingimentos, ou os versos, & cantares dos Pastores, Amphrisos, Delios, Galateas, & Dianas, pello que não he bom fundamêto pera prouar não veyo Vlysses a Lisboa a carta poetica de Ouuidio. Digo mais que dato, & non concessio, que Penelope a escreuera, não he argumento logico dizer, Penelope, como consta desta carta, não sabia onde estaua seu marido Vlysses, ergo, não veyo a Lisboa: não val a consequencia, antes de o não saber se pode inferir o contrario, porque Grecia, & Lisboa não estão vezinhas, que podesse Penelope ter nouas de Vlysses em vinte quatro horas, & assim desta sua confissão, quando fora sua, se podia coligir estaua em partes tam remotas, como ficão de Vtaca estas nossas. Acrescento mais esta rezaõ com Lactancio Firmiano, o qual no liuro primeiro de licencia poetarum, diz estas

*Lact. lib 1.
de poetarū
licencia.*

estas palauras. *Homines decipiuntur maxime, quod hec omnia facta esse à poetis arbitrantur: colunt, quod ignorant, nesciunt enim quis sit poeticè licentiæ modus, quousque progredi fingendo liceat, quum officium poetæ in eo sit, ut ea quæ verè gesta sunt, in alias species obliquis figurationibus cum decore aliquo conuersa traducat.* Quer dizer. Enganaõse em extremo os homens, imaginando taõ ficções engenhosas, tuõ quanto os Poetas escreuem, & como não sabem atè onde podem chegar as licenças poeticas, tem por fingimento o que he em si historia verdadeira, porque officio he do bom poeta vestir a verdade com cores Rhetoricos, & contar as coufas verdadeirissimas, debaixo de nuuês fingidas, como foy a de Niobe, que Erasmo refere no adagio, *Niobes mala*, a qual sendo filha de Tantalos, & molher de Amphião, ouue delle seis filhos, & outras tantas filhas, & vendose tam rica de filhos, ensoberbeceose de maneira, que fez despresos a Latona, deitandolhe em rosto, não tinha mais que dous filhos, Apolo, & Diana, & posto que ella podera responder, *duos, sed leones*, pois por hum le entende o Sol, por outro a Lũa, sentio com tudo tãto Latona este desprezo, que mandou a Apolo lhe matasse os filhos, & a Diana as filhas, o que trata Iuuenal Satira 6. dizendo.

*Erasm. ada.
Niob. mala.*

*Iuuenal.
Satyr. 6.*

Parce præcor Pean, & tu depone sagittas

Z

Nil

Segunda parte da defensão

*Nil pueri faciunt, ipsam configite matrem
Amphioni clamat; sed Pean contrahit arcum;
Extulit ergo gregem natorum, ipsumque parentem
Dum sibi nobilior Latone gente videtur.*

Atque eadem Scropha Niobe fecundiori alba.

E posto q̄ com a moralidade desta fabula nos quizerão ensinar os Philosophos antigos, quanto deuiamos fugir da soberba, pois não custou menos a Niobe a muita sua, que ver a morte a seus doze filhos, & assi mesma conuerterse em pedra: a verdade com tudo da historia he, que em Phrygia no tempo de Niobe, ouue hũa grande peste, & como este mal assim fere aos pastores, que não perdoa aos Principes, morrerão nella todos os doze filhos de Niobe, & porque a peste se causa da corrupção do ar, mediante o qual o qual o sol, & a lũa, nos cõmunicão suas influencias, fingirão os poetas, que o sol, & a lũa, filhos de Latona matarão os de Niobe, & como a mãy ficou sem sentido, magoada de os ver mortos diante de seus olhos, fingirão se conuertera em pedra, como tambem differão, se conuerterão em alamos as irmãs de Phaetonte, pella grande dor, & pena que tiuerão de o ver morto no me lhor de seus dias, & na flor de sua idade. Foy a causa segundo a ficção poetica, que querendo Phaeton gouernar os cauallos do sol, pera q̄ este fauor

fauor fosse mostra de ser seu filho, sentindo elles outra mão differente da que antes os gouernaua,corrêdo defenfreados de hũa & outra parte, queimarão grande parte do mundo, & elle caindo no rioEridano,morreo afogado em suas agoas,ou como quer Theophrasto,emEthiopia. E postoq̃ debaixo desta ficção nos ensinarão os sabios antigos, que os Principes, & senhores vendose ricos, & poderosos, mâcebos, & esforçados, não vzano de bom conselho, causão grandes males, notaueis danos, & irremediaueis perdas em seus vassallos, & reynos, porq̃ a temeridade nenhũ outro ganho tras consigo. A verdade cõ tudo em que esta philosophia se funda he, que em Grecia reinando Cecrope em Athenas, ouue hũ grandissimo incendio, o qual não sô abraçou os campos, & secou os rios, mas destruyó muitas cidades, principalmente na parte onde reinaua Phaetonte: ou como dizem outros autores, sendo filho de hum Rey dos Celtas, & correndo nas prayas do rio Pado em hum carro de quatro caualllos, entrarão tam furiosos por suas agoas, que morreo nellas afogado, cuja morte chorarão tanto suas irmãas, que ficarão pasmadas, & sem sentido: & porque os taes parece que soamente tem vida vegetatiua como plantas, fingirão se conuerterão em alamos. Desta

Segunda parte da defensão

historia tomou argumentõ Horacio pera aconselhar a Philonides,naõ pretende o que naõ pode, nem procure maiores cousas, que aquellas que pode acabar com suas forças, como Phaeton te, que por não querer seguir o conselho de seu pay velho, como mancebo temerario, & moço, veyo a ser exemplo de temerarios, são as palauras de Horacio liuro 4. Oda vndecima, as seguintes.

Horat. l. 4
Oda II.

*Terret ambustus Phaeton, auaras
Spes, & exemplum graue præbet ales
Pegasus, terrenum equitem grauatum
Bellerophonem
Semper, vt te digna sequare & ultra
Quam licet sperare, nefas putando
Disparem vites.*

E tornando ao nosso proposito, digo que as trãl
formações de Circes, os cantos das Sereas, & os
amores da nympha Calipso com Vlyffes, como
nos cõta Homero foy pera mostrar que o amor
lasciuo, & desordenado, tira o sentido a hum ho
mem por mais sabio, & prudente que seja, pe
ra com este encanto se esquecer de si, de sua fa
milia, & do gouerno de sua casa: porem to
dos estes encantamentos de Circes, doçuras de
Sereas, & amores de Calipso, podia muito bem
fundar Homero pellas grandes detenças q̃ nisto
ouue

ouue na historia verdadeira da edificação de Lisboa, no casamento da filha del Rey Gorgoris a cuja afeição se rendeo de maneira, que se não forão algũs insultos que os seus fizerão, como affirma o Gerundense, muy possiuel he lhe não lembrara mais filho, Reyno, nem casa, nem ainda hũa molher a quem tanto deuia. Gerund. l. 2.

CAPITVLO XXXIII.

Discutẽse hũas palauras do Exame das antiguidades, acerca da vinda de Diomedes a Hespanha. Trata-se o modo de votar dos antigos: mostra-se mais como por contar hum autor algũas ficções poeticas, não perde o credito a historia verdadeira.

ENfadado Iupiter do solcito cuidado com que Argos por mandado de Iuno guarda ua a nympha Io, conuertida em vaca, mandou a Mercurio que adormecendo a Argos lhe tirasse a vida, pera que Io a tiuesse mais venturosa, daquella em q̃ a poserão os ciumes da Deusa. Não se descuidou Mercurio de por em execução o mandado de Iupiter, & vestindose de pastor, começou a tocar hũa frauta, & a câtar a fabula

Segunda parte da defensão

de Pan Deos dos pastores, & da nympha Seringa, com tanta suauidade, & graça, que leuado della adormeceu Argos, & dormio pera sempre, sem lhe valerem os seus cem olhos pera o liurar da morte, & deixar de perder a vida. Sentio tanto Iuno esta perda, que accusou a Mercurio diante dos Deuses, & juntos todos em juizo posta sua accusação, respondeo Mercurio em sua defeza, fizera o que Iupiter lhe mandara, & votando os Iuizes por pedras brancas, & pretas, sahio por sentença, satisfizera Mercurio com o que deuia, obedecendo ao mandado do supremo dos Deuses: Daqui naceo o costume de votarem os Iuizes por pedras brancas, & negras, com esta differença, que as brancas, absoluião, & as negras condenauão: & se as negras erão mais que as brancas, ficaua o Reo condenado à morte; pelo contrario, se as brancas excedião, ficaua liure & com vida, & se a caso soccedia serem tantas hūas como outras, tambem ficaua viuendo, & auido por sem culpa, porque a brandura da misericordia, excedia o rigor da justiça. Deste costume trata Onidio nas suas transformações di-

Onid. in Me
taph. l. 5.

zendo.

Mox erat antiquis niueis, atrisque lapillis

His damnare reos, illis absoluerere culpa.

Percio, Sat. 4.

Tambem costumauão, como notou Percio, Saty

ra

ra 4. a votar quando o caso era de morte com esta letra Th. porque como Thanatos em Grego, seja o mesmo que mortal, tomavão as primeiras duas letras Th. pera pronunciar sentença de morte. Asconio Pediano, diz costumavão também os antigos votar com estas tres letras O, T, A. a letra O, condenava á morte, o T. absolvia, & o A. significava não estava a causa sufficientemente prouada, & que de novo admitião novas prouas. Os Romanos, segundo affirma Marcello Donato, votavão por quatro letras, A.C.N.L. o A, absolvia, o C. condenava, o N. & o L. queria dizer, *Non liquet*. Não consta, nem esta bem prouado. Votavão também, como escreve Percio, com este termino: *Creta notare*, por approvar, & *carbone notare*, pera reprovar, & assim seu mestre Cornuto, as cousas boas, & justas que devia seguir, lhas asinaua com pedras brancas, & as que devia euitar, com negras, como cõfessa o mesmo Percio Satyra 5. nas

Asconio Pe-
diano.

Marcello Do-
nato.

Perc. Sat 5;

*Queque sequenda forent, & quæ vitanda vicissim
Illa prius Creta, mox hæc carbone notasti.*

Os pouos de Thracia, os dias que tinhão de go-
sto, contentamento, & alegria, costumavão a con-
tar cõ pedras brancas, & pello contrario os dias
aziagos, de pena, dor, & tormento, com pedras

Segunda parte da defensão

negras; & no fim do anno, as pedras que achã-
uão brancas, effes dias contauão no anno de vi-
da, & as negras, erão dias de morte, donde dif-
fê Pythagoras, que o branco pertencia à natu-
reza do bem, & o negro á natureza do mal. Isto
quis significar o poeta, lib. 1. quando introduz a
Elisã, dizendo.

*Hunc letum, Tyrijsque diem, Troyaque profectis
Virg lib. 1. Esse velis.*

Pouco branca, & mais que negra, deuia de ser
a pedra, com que o Exame das antiguidades no-
tou o dia em que escreueo tam bom pensamê-
to, como foy negar a vinda de Diomedes a Hes-
panha, & afirmar não fundara em Italia a cida-
de de Ageripa, & em verdade, que quãdo se em-
barcou nesta barca, leuou comsigo mais a pedra
negra da fortuna de Policrates, que a branca da
ventura de Miclas. No tratado vñdecimo do
Exame diz o Autor delle estas formaes pala-
uras. *Escusando de fazer menção de outras historias,
& casos notaveis me vou ao cap. 22. onde se acaba af-
firmar a Monarchia veyo a Hespanha el Rey Diomedes
tendo fundada em Italia hũa pouoação por nome Ageri-
pa, & feito outras cousas dignas de memoria, que lar-
gamente relata o Tarcanbota, & inda que elle contara
todas estas cousas, & maravilhas, que a Monarchia
aponta del Rey Diomedes, nem por isso era obrigação
que*

que lhe deffemos credito quanto pella parte do Tarcanhota visto misturar elle fabulas com verdades, pois hũa soo fabula por sy, sobejaua pera lhe desacreditar todas suas obras, & não ha cidade que se chamaße Ageripa, nem jornada nenhũa que fizeße Diomedes a Hespanha. Primeiro de tudo respondo por honra dos historiadores, ao discredito em que o Exame das antiguidades poem ao Tarcanhota todas as vezes que nelle fala, & digo que se este Autor perde por misturar fabulas com verdades, que he a falta de que o nota, como se pode ver em suas proprias palauras, que não deuem de ganhar muito em sua opinião os Doutores da Igreja Catholica Sancto Augustinho nos liuros da cidade de Deos, onde tras infinidade de fabulas, & de Deuses gentlicos, Sancto Hieronymo, aduersus Iuuinianum, Sancto Fulgencio, & Sancto Isidoro nas suas Ethimologias, Origenes aduersus Celsum, Cyrilo Alexandrino, aduersus Iulianum, Methodio contra Porphyrio, Quadrato Bispo Atheniense, & Aristhides Christaõ, que nos liuros que dedicarão ao Emperador Adriano os enriquecerão de infinitas historias, ditos, & sentenças de Philosophos Gentios: o mesmo fez Iustino Martyr, lib. contra gentes. Taciano em suas obras, & em substancia Hippolyto, Apolonio, Hippolyto,

S. Aug. l. de civit.

S. Hier. ad. uersus.

Iuuinianũ.

S. Fulgencio & S. Isid. l.

Ethimol.

Origenes Adamancio.

aduersus Celsum.

Cyrl. Alexand aduersus Iulianum.

Methodio contra Porphyrio.

Quadrato.

Arist. Chri. in li. de defensione fidei ad Adri.

Iust. Martyr. b. contragen.

tes.

Taciano em suas obras.

Hippolyto.

Segunda parte da defensão

Apolonio. Apolonio; Iulio Africano, Eusebio Cefariense,
Iulio Afric. Eustachio Antiocheno, Rauifio Textor, Basilio
Euseb. Cef. Magno, Septimio Tertuliano, Arnobio, Eusebio
Eusta. Ant. Emifeno, Lilio, Gregorio, Gyraldo, Marco Tul.
Rauit. Text. Cicero de natura Deor. Aulogelio, nas suas noi-
Basil. Mag. tes atticas, Macrobio in som. Scipionis, Virgilio,
Tertuliano. Ouidio, Homero em todas suas obras, & *ut*
Arnobio. *uno verbo dicam*, não ouue historiador nenhum,
Euseb. Emi. nem Grego, nem Latino, nem Frances, nem Hes-
Greg. Gira. panhol que não faça o que fez o Tarcanhota
M. Tull. de contando historias verdadeiras, com ficções, &
nat. Deorū. fabulas poeticas, não que as contem por verda-
Aulo Gelio. de, senão dando a cadahum o que he seu, por-
nas noites que doutra maneira, não satisfizera com as o-
atticos. brigações da historia, & ja que na de Diome-
Macrobi. in des não quer dar credito ao Tarcanhota, não o
som. Scipi. quero cançar com apontar suas palauras, mas
Virgil. peçolhe se não cance de ouuir as de *Ælio An-*
Ouid. tonio Nibricense, que no prologo da Chronica
Homer. del Rey Dom Fernando diz assim. *Troya euerſa*
Nibricensis! *ex Græcorum reliquijs complures eodem quoque tempo-*
in Prologo *re in Hispaniam nauigarunt, atque in primis Diome-*
des Tydei Ætolorum Regis filius, qui post exidum
Troyæ cum comperisset Ægialam vxorem à Cillebero
Sibeneli filio adulteratam, præ pudore in Italiam mi-
grauit, conditaque in Appulia, vrbe Argerippa, atque
inde in Hispaniam prouectus Tyden in Gallia vrbe

ex nomine Tydei patris sui, dictam fundavit, populosq-
inter Minium, & Lethen fluuios rexit, quos nomine cor-
rupto pro Graijs hoc est Grecis, V, littera interiecta
Grauios dixerunt. Sub idem quoq; tempus Teucer Ta-
lamonis filius, atque Aiace frater, quos pater ad bellum
Trojanum miserat, ea lege, vt alter, sine altero non re-
poret, mortuo Aiace, cum à patre, in patriam non reci-
deretur, in Cyprum nauigauit, vbi Salamina vrbe con-
dita in Hispaniam prouectus, Cartalaginem nouam, que
& Spartaria cognominata est, à fundamentis excitauit,
quam postea Asdrubal Carthaginensium Dux, restituit.
Quer dizer. Destruída a cidade de Troya, mui-
tos dos capitães Gregos q̄ ficarão, tomarão por
to depois de larga nauegação nos Reynos de
Hespanha, principalmente Diomedes filho de
Tydeo, Rey de Ætolia, porque vindo da guer-
ra Troyana, achou que sua molher Ægiala, fi-
zera o que não deuia, com Cilleboro filho de
Stheneleo, & affrontado desta infamia, nauegou
pera Italia, & edificando a cidade de Argeripa
em Appulia, se passou pera Hespanha, onde deu
os primeiros fundamentos à Cidade de Tyde
em Galicia dandolhe o nome de Tyde de seu
pay Tydeo, & governou os pouos que viuião
entre o rio Minho, & o rio Lethes, por muito
tempo, os quaes corrompendose o nome de
Graios, ou Gregos, acrecentandolhe hum V. se
ficarão

Segunda parte da defensão

ficarão chamando Grauios. Neste mesmo tempo veyo aportar em Hespanha Teucro irmão de Ajax, filho de Telamonio, o qual mandandoos à guerra Troyana foy com tal pacto, & condição, que não viesse hum sem o outro: & como Ajax morresse nos campos Troyanos, não quis Telamonio receber em sua patria, & casa, a Teucro seu filho, pois vinha viuo, ficando seu irmão morto; por cujo respeito nauegando pera a ilha de Cypro, edificou nella a cidade de Salamina, & vindo dahi a Hespanha, fundou a cidade de Carthago noua, chamada Spartaria, & depois Asdrubal capitão Carthaginense a restaurou; o mesmo parecer, acerca de fundar Diomedes a Tyde, segue Silo Italico no liuro 3. quando chama a Tuy, *Ætôla*.

*Silo Italico
lib. 3.*

Ætolaque Tyde.

Por ser começada por Diomedes, que era Rey de *Ætholia*. O mestre Andre de Resende nas suas antiguidades Lusitanas, fala da fundação de Tyde por Diomedes, como de cousa certissima, são suas palauras aas fol. 37. as que se seguem. *Etiam Diomedes eo delatus, vr bem condidit, quam propterea Aetolam Silius cognominauit*, como se differa. Chegando Diomedes aas partes & prouincia de Galiza, edificou a cidade de Tuy, a que Silo no liuro 3. chama Aetola, por ser Rey de Atholia.

*Resende in
antiq. Lusit*

Florião do Campo no liuro primeiro no cap. 37. *Florião li. 1*
 diz assim. *Poblò Diomedes otra ciudad, a quien puso* *cap. 37.*
nombre Tyde por memoria de su padre Tydeo, que per-
manecio muchos siglos en Hespaña populosa, y notable,
por ser cabeça de los pueblos, y gentes entre Miño, y Li-
mia, los quales pueblos a causa de las poblaciones, que
Diomedes, y sus Griegos alli hizieron, y por auer estado
mucho tiempo en aquella tierra, sin se derramar en otras
partes, fueron llamados los Grayos, a quien despues añ-
diendo algo en el vocablo dixerón los pueblos Grauios,
de que en los Cosmographos, & Choronistas hazen se-
ñalada relacion. Samalhoa Garibay lib. 4. cap. 29.
 tratando da vinda de alguns capitães Gregos,
 que por varios respeitos, depois da destruição
 de Troya, aportaraõ em Hespanha, escreue às
 fol. 117. estas palauras. *Tambien otro Capitan Gre-*
go llamado Diomedes hyo de Tydeo, aportando a la
mesma Galizia, però entre los rios Miño, y Limia, don-
de auiendo poblado vna ciudad llamada Tyde, tornò
a Italia, dexando alli muchas gentes, parte de las qua-
les poblaron luego otro nueuo pueblo llamado tambien
Tyde, que despues se llamo Tydiciano, y agora se llama
Tuy, en la ribera de Miño. E como estes pouos se
conseruassẽ por muitos annos no modo de
viuer Grego por antonomasia, vieraõ as outras
nações Latinas, a lhe chamar Grayos, que como
notou o Nibricense, he o mesmo que Gregos. *Nibricense*
 Depois *vbi supra.*

Segunda parte da defensão

Pomp Mela Depois corrompendose o vocabulo, lhe chama
rão Grauios, ou Gronios, como quer Pomponio
Silo. lib. 3. Mela. Da corrupção deste nome fala expressa-
fol. 69: mente Silo Italico lib. 3. fol. 69. quando diz.
Et quos nunc grauior, violato nomine Grauium.

Concluindo este ponto, digo, que quem seguin-
do o parecer de homens tam doutos, & histo-
riadores tam graues, como sam Elio Antonio

Nibricensis Nibricense, Florião do Campo, Silo Italico, An-
in prolog. andre de Rezende, Pomponio Mela, Esteuaó de
Ferdinãdi. Garibay, & o Bispo de Girona, com todos os
Florião do mais historiadores Hespanhoes, & chronicas de
Capo. lib. 1. Hespanha, bem pode affirmar com muito grã
cap. 31. de confiança veyo Diomedes a Hespanha, &
Silo Italico. esta tam longe de cometer erro algum, como
lib. 3. pode com facilidade julgar qualquer entendi-
Rezende de mento a quem não cegar o amor proprio, ou o
antiq. Lus. odio alheo, porque. *Amor, & odium, verum iuditiū*
Pomp. Mela *non agnoscunt.* A estes Autores ajunto o Doutor
Garib. lib. 4 Salazar de Mendoça, lib. 1. cap. 2. Onde diz, Gre-
cap. 19. goris vigessimo quinto, Rey de Hespaña co-
Girund. l. 2 menço la sexta y vltima linea real destes prime-
ros Reyes, y en su tiempo vinieron desta região
muchos Griegos de los q se hallaron en la de-
struicion de Troya, Teucro hijo de Talamor,
fundó la ciudad de Carthagená, y la llamo Teu-
cria. Diomedes hijo de Tydeo, en Galizia a la

Ribera

Ribera de Miño a Tui. Vlyffes Rey de Itaca en la del Tajo a Lisboa llamada por el Vlyfsipo.

CAPITULO XXXV.

*Prouase como Teucro irmão de Ajax Te-
lamonio deu principio â cidade de Car-
thago noua, posto que Asdrubal Capitão
Carthaginẽse lhe deu depois este nome.*

OS antigos Egypcios, como affirma Dio-
doro Siculo, pintauão o bom Iuiz na for-
ma seguinte. Hum homem ancião, rodea-
do de liuros, com os olhos fechados, & no pei-
to hũa medalha de Saphira, em a qual, como diz
Eliano de varia historia estaua insculpida a ver-
dade. Em ser anciaõ, & velho, significauão q̃ a-
quelle q̃ ha de julgar as cauças, principalmente
eſcreuendoas em publico, em liuros cõpostos q̃
corrêo mundo, ha de ser com mui maduro cõ-
selho, & notauel prudẽcia, porq̃ a falta della em
hũ homẽ particular, a pouco dano se eſtẽde. Os
rios pequenos quãdo crecẽ leuãõ quãdo muito
o q̃ he facil de mouer, porẽ os grandes, & mais
em tempo de tempestades, desflorãõ os cam-
pos, arrancãõ as aruores, destruem, & disbara-
rãõ tudo quanto achãõ diante de sy : hum
homem

*Diod. Sicul
lib. 2. de sa-
bul. antiq.
gest.*

*Eliano de
vara hist.
lib. 14.*

Segunda parte da defensão

homem com a lingua, como não se estende a mais, que a quem o ouue, dana, mas não se estende a muito, porem com a pena, corre o mundo todo, & assim disthora a honra, & credito do autor. que defautoriza, por cujo respeito o pintaão cercado de liuros, moltranco nisto, que o Autor que escreue, não deue julgar conforme o que lhe pedir sua paixão, mas segundo dispõem as leys que professa. Tinha fechados os olhos, pera mostrar que o não auiaão de mouer respeitos particulares, pera deixar de fazer o q̄ deuia. Na medalha de Saphiro em que estaua esculpida a verdade, dauão a entender, que no peito de hum homem que julga, não ha de auer amor pera se afeiçoar, nem odio pera aborrecer, senão a verdade singella, pura, & sem respeito algum que o moua a seguir o contrario do que entende. Isto mesmo amoesta Philo Iudeu, quando diz. *Hoc iudici præcipitur, vt causas partium*

*Philo Hebr.
lib. de Iud.*

examinet, ante iudicium, semoto in totum respectu personarum, siue sint cines, amici, domestici, siue è contra, alieni, exteri, nequid, vel beneuolentia, vel odium, cognitionem impediât. Disse isto tudo pera lembrar a quem escreue algum liuro, ha de julgar cõ muito conselho, estudo, & prudencia, as cousas primeiro que as reprove, ou engrandeça, imprimindo as. E he pera chorar, ver nesta miseravel ida-

de

de, que se não tem por escriptor, quem não re-
proua algũ homẽ douto, parecendolhe diminue
em seu credito, se não diminuir no de quẽ escre-
ueo primeiro q̃ elle, sendo assi, que delle tomou
o melhor de seus escriptos: como fez hũ moder-
no destes nossos tempos, q̃ sendo nosso natural,
& de uendo, como filho da patria, fauorecela; por
seguir hũ autor Hespanhol, nega serẽ as filhas de
Lucio Catilio, & de Calsia sua molher, naturais
de Braga, & as faz Francesas, indo nisto contra hũ
Autor taõ graue, como foy Dextro, a quẽ S. Iero-
nimo dedicou suas obras, & Iulião Acipreste, q̃
ha mais de 500. annos q̃ escreueo, cujas palauras
em forma apõto na minha Polyantea Lusitana
na vida destas noue, & sanctas irmãs, & cõtra fr.
Prudencio Sandoual Bispo de Tuy Chronista de
sua Magestade trazendo em confirmação desta
historia os Breuiarios antigos de Toledo, & de
Cuenca cõ o liuro chamado o Esmeragdino, &
o lectionario de Ciguença na vida de santa Libe-
rata, ou Vuiliafortis, cujas lições apõto na minha
Polyanthea Lusitana. Reproua tambẽ o mesmo
Autor, o D. fr. Bernardo de Britto (a quẽ se deue
o descubrimento das varias antiguidades de Por-
tugal) debaixo do nome de Laymundo, & cõpa-
rando cõ Plinio no tratado dos Bracharéses diz
estas palauras. *Eu por Gregos os tinha, & tenho, por au-*

Segunda parte da defensão

horidade de Plinio, em cuja comparação Laymundo he Autor minino no tempo, juizo, discurso, curiosidade, engenho, doutrina, & lição. Em verdade, que não sei, quem fez a este nosso Autor juiz da balança, porq̃ florecendo Plinio cem annos pouco mais ou menos depois de Christo nosso Redemptor nacer na terra, & Laymundo no tempo de Roderico vltimo Rey Godo, a quem erradamente chama Dom Rodrigo, sendo assim, que o primeiro homem que se chamou Dom em Hespanha, foy Dom Pelayo restaurador della, & auendo tantos annos entre Plinio & Laymundo, os pòs ambos cada hum em sua balança, & achou pesaua mais o juizo, discurso, curiosidade, & engenho, doutrina, & lição de Plinio, que o de Laymundo, como se elle podera ser juiz do que nunca vio, & dar sentença diffinitiuua, que no saber, Laymundo, he minino, sendo assim que nunca o leo, como elle confessa, & Plinio o gigante da sabedoria, & não lhe lembra soube Plinio tão pouco, que se não soube aproueitar do sol no meyo dia, & que por hũa curiosidade indiscreta, como notou Sabellico, perdeu a vida na contempção do incendio do monte Vesuuio. E assim disse delle Petrarcha.

Sabellico. *Ac-*
cid. 7. l. 4.

Petrarcha
triumpho
de la fama
cap. 4.

Mentre io miraua subito hebbi scorto

Quel Plinio Veronese suo vicino

Al sermir molto, al morir poco accorto.

Alem disto, não sei em q̄ Theologia achou querer atar as mãos a Deos. & limitar seu infinito poder, pois sendo o mesmo Senhor, que deu esse entendimento, saber, & discurso a Plinio, lhe parece impossivel dalo igual, ou maior a Laymundo? sendo assi, que o poder diuino ab eterno he infinito, inexhausto, & incomprehensivel, & não tem limites, nẽ fim a operação de sua vontade: pello que o mesmo Deos que deu esse entendimento a Plinio, podia dar outro maior a Laymundo. Mas vindo ao intêto desta minha defensão, diz o Autor do Exame no seu tratado estas palauras em forma. *La pera o fim do mesmo cap. 22. nos faz a saber a Monarchia alegando na margem com Iustino, q̄ Teucro irmão de Ajax Telamonio fundou a cidade de Carthagena no Reyno que agora chamamos de Marcia: Iustino naquelle lugar, não somente não diz q̄ Teucro fundou Carthagena, senão parece mostrar claramente, q̄ foy fundada depois muitos annos, a qual foy fundada por Asdrubal capitão dos Carthaginenses de Africa, &c.* Primeiramente respõdo, que toda a pessoa que sem paixão ler a Monarchia Lusitana, ha de achar vai isto cheirado a dizer diz, o que ella não disse: Pera fugirmos deste enleo, & apurarmos esta verdade, ouçamos as palavras do Doutor frey Bernardo, que no liuro primeiro & cap. 22. são as seguintes. *Neste tempo dizem muitos auto-*

Segunda parte defensão

res, que veyo aportar em Hespanha, Teucro irmão de
Ajax Talamonio. E pera confirmar isto de vir
Teucro a Hespanha allega o doutor frey Ber-
nardo có Iustino, & não pera dizer fundara Car-
thago noua, & quando o differa, nem por isso
o auiação de apedrejar, pois do mesmo Iustino se
pode muy bem coligir, o qual no liuro 44. diz
assí. *Galleci autem Græcam sibi originē asserunt, siqui-
dem post finem Troyani belli, Teucrū morte Aiakis fra-
tris inuisum patri Talamonio quum non reciperetur in
regnū, Cyprum concessisse, atque ibi, vrbem nomine anti-
que patriæ, Salaminā condidisse. Inde accepta opinione
paternæ mortis, patriam repetisse: sed cum ab Eurysæ
Aiakis filio accessu prohiberetur, Hispania littoribus ap-
pulsam, loca vbi nunc est Carthago noua, occupasse, inde
Galleciam transisse, & positis sedibus, genti nomen de-
disse.* Quer dizer. Os pouos de Galiza affirmão
tem sua origem de Grecia, a razão, & fundamen-
to he, porque depois da guerra Troyana che-
gando Teucro ao Reyno paterno, sem seu ir-
mão Ajax, não o quis ver seu pay Talamonio,
por cujo aborrecimento se foy pera Cypro, &
fundou hũa cidade a que chamou Salami-
na, nome antigo de sua propria patria: & dan-
dolhe ahi nouas da morte de seu pay Tala-
monio, foy tomar posse do Reyno, que por sua
morte lhe pertencia; mas contradizendolho seu
sobri-

Iustinus li.

44.

sobrinho Euridaffes filho de Ajax, se fez na volta de Hespanha, & aportando nesta Prouincia, occupou pera sua habitação o lugar a que chamão Carthago noua, d'onde se passou pera as partes de Galiza, & fazendo nella seu assento, deu o nome a toda a aquella terra. Estas são as palavras de Iustino, por mais que o Autor do Exame o não consinta, & negue. Diz mais o Doutor frey Bernardo no lugar alegado, o que se segue. *Fundou Teucro em o Reyno que agora chamamos de Murcia a cidade de Carthagena, inda que não he de crer que lbe desse este nome, pois como veremos adiante, o teue por differente razão.* Pera proua disto aponta a Monarchia na margem a Ifid. libr. 9. o Bispo de Girona, Celi in Chronol. aos quais autores sendo tam graues que elles soo bastauão pera acreditar esta historia, acrecento Silio Italico libr. 3. fol. 69. onde diz.

Ifid. lib. 9.
Girund. l. 2.
Celi. in
Crono.

Silio Itali-
co lib. 3.

fol. 69.
Florião do
Camp. li. 1.
cap. 36.

Dat Carthago viros, Teucro fundata vetusto.
E Florião do Campo lib. 1. cap. 36. diz assim. *En los principios de la gouernacion de Gorgoris Melicola, se balla por las historias, y concordancia de los tiempos, que passo tambien en Hespaña vn capitán Griego de los que destruyeron a Troya, llamado Teucro, que traxo consigo gentes Griegas, con que primeramente desembarcò sobre la ribera de nuestro mar Mediterraneo dentro de vn pueblo, que dezian Coteffa, y naquel*

Segunda parte da defensão

mesmo lugar onde hallamos agora la ciudad de Carthage-
gena, y alli dexò Teucro parte de su gente, y los Grie-
gos recien venidos la nombraron Teucria. E resolueo
mesmo Florião que neste mesmo lugar foy de-
pois fundada Carthage-na, que he o mesmo que
o Doutor frey Bernardo aduertio, quando disse
lhe não dera Teucro o nome de Carthage-na,
pois o teue depois que Asdrubal a reedificou. A
este autor acrescento a Aelio Antonio Nebricen
se no prologo ad Lectoré, na Chronica del Rey
Dom Fernando, onde diz: *Teucer Talamonis filius,*
&c. In Hispania, Carthaginem nouam, que Spartaria
cognominata est à fundamentis excitauit, quam postea
Asdrubal Carthaginensium dux restituit. Como se dis-
sera. Teucro filho del Rey Talamonio fundou
em Hespanha a cidade de Carthago noua, & a a-
leuantou dos primeiros fundamentos, a qual de-
pois Asdrubal capitão Carthagines restaurou, &
ampliou. O mesmo parecer seguem todos os his-
toriadores Hespanhoes, principalmente P. Anto-
nio Beuter na Chronica geral d' Hespanha, & Ga-
ribay no seu compendio historial dizendo. *Co-*
mo la ciudad de Troya fuesse destruida por los Grie-
gos, vno de los capitanes Griegos llamado Teucro, ve-
niendo en compañía de otro llamado Anfiloco, occupo
en Hespaña, segun Iustino, algunas tierras de la Co-
mar

*Nibricen in
prol. ad lect.*

*Beuter na
Chro ger. de
Hesp.
Garibay in
comp. hist.*

marca, que despues se llamò la nneua Carthagena: de don
 de descorriendo las marinas de Hespanha hasta Gali-
 cia, poblaron vna ciudad llamada Anfloquia, que des-
 pues se llamò Agoas Caldas, y agora Orense. O mel-
 mo, quanto à vinda de Teucro a Hespanha, af-
 firma Trogo Pompeio, & o Tarcanhota no li-
 uro quarto da historia do mundo fol. 53. onde
 diz. *Teucro figliuolo di Telamone veggendosi da suo*
padre minacciare per che se ne ritornasse senza Aiace
il fratello, se ne passò in Cipri, e vi edificò vna città che
dal nome de la patria sua la chiamò Salamina. Vuole
Trogo che ritornando doppo la morte di suo padre nel
regno paterno, non vi potesse ne ancho il pie porre vie-
tandogliele Euriface figliuolo di Aiace; & che nauigan-
do perciò in Hispagna, ne passasse con le genti che con-
ducena in Galitia. E perciò i Gallechi dicono trahere da
Greci la Origine loro. E concludo este capitulo
 digo, não ha duuida, como consta de tantos, &
 tam graues autores vir Teucro a Hespanha, &
 no particular de fundar Carthago noua, a ver-
 dade he a fundou de seus primeiros fundamétos
 Teucro com seus companheiros, ou se chamasse
 Spartaria em seus principios, como quer Aelio An-
 tonio, ou Teucria, como aponta Florião do Cápo
 postoq̃ depois lhe deu o nome de Carthago no-
 ua Asdrubal Carthaginense, & oje corrôpendose

Trog. Pompei
 l. 44.
 Tarcanhota
 fol. 53.

Segunda parte da defensão

o nome a chamamos Carthagenã, o que tudo em substancia affirma a Monarchia Lusitana, & ao Exame das antiguidades ficálhe em casa a reprehensão que elle neste seu tratado dà a muitos.

CAPITULO XXXVII.

Tratase de hũa computação dos annos de Salamaõ tê o tempo de Asa, & de Capis Syluio tê a idade de Ligurgo. Dase conta do que val hũa idade, ou geração.

Hũa grande difficuldade, pera que não diga erro de contas, acha o Exame das antiguidades na Monarchia Lusitana, como se pode ver nestas suas palauras ascritas no seu tratado vndecimo, onde diz. *Affirma a Monarchia, que quando Asã reinava no Reyno de Iuda, & tinha o pontificado Abimalec, reinou em Babilonia Leostenes, o qual diz que teue aquella Monarchia quarenta annos, & que por sua morte ficou a Pirithides, que a governou trinta. Não parece mui certa esta computação, lembrese o Autor, que outras no titulo 22. deixa affirmado, que este Leostenes começou os seus 40.*

annos aos 10. de Salamaõ: pois como diz agora neste lugar do titulo 23. que em tempo de Asã reinou Leosthenes? o qual Asã pella propria relação do presente titulo, era filho de Abias, neto de Roboão, & bisneto de Salamaõ, & ja delle quarto possuidor naquelle Reyno: por onde se o Autor primeiro tinha affirmado, que Leosthenes reinou em tempo de Salamaõ, como torna agora a nos dizer, que quando reinava Asã bisneto de Salamaõ, inda durauão os 40. annos de Leosthenes? A tudo isto respondo, que toda a machina por excellentissima que seja, se o fundamento he falso, não pode estar muito tempo sem cair da sua primeira grandeza; pello que se fizer algũa ruina esta estatua de Nabuchodonosor, por mais que tenha a cabeça d'ouro, & o peito de prata, será a culpa de quem a fabricou com os pés de barro, & se o outro Mago, ou feiticeiro, q se fingio filho d'elRey Ciro tiuera as orelhas, q não tinha, não gozara tam poucos dias o imperio de Babilonia: & se as asas d'Icaro foraõ verdadeiras, & não contrafeitas, & pegadas com cera, né o sol lhas derreteria, nem sua queda fora tam miseravel, que quem não olha ao fim, sempre fica atras do que pretende. Digo isto, porque a meu ver pareceo ao Exame das antiguidades, não aueria no mundo, quem entendesse argumétos sophisticos, pois dizêdo o Doutor Fr. Bernardo, que

Segunda parte da defensão

*Matasthe-
nes lib. 1. de
iudic. tem-
poribus.*

que reinando Salamaõ em Hierusalem, ao decimo anno de seu Reyno, entrou no imperio de Babylonia Laosthenes, & governou esta Monarchia 40. annos, ou 45. como quer Matasthenes, & dizendo mais a Monarchia, que por morte de Salamão, reinou Roboaõ seu filho, a quem succedeo Abias, por falecimêto do qual entrou no Reyno Asã, cõtinha a Monarchia, & diz o seguinte. *Em quãto estas cousas succedião em Iudea, reinaraõ em Babylonia Laosthenes quarenta annos, & Pirithidias trinta.* E aqui faz ponto. Aduirto isto porque me he necessario pera o que se segue a diante. Presuposto este modo de contar os annos q̃ Pirithidias, & Laosthenes reinaraõ em Babylonia, que juntos os quarenta he hum com os trinta de outro, fazem setenta, folgaria notasse qualquer pessoa q̃ lèr esta minha defensão, que contandonos o Doutor frey Bernardo, como reinando em Iudea Salamaõ, Roboaõ, Abias, & Asã, governaraõ o Imperio de Babylonia, Laosthenes, & Pirithidias: & o Exame com tudo das antiguidades persuadindolhe sua imaginação, não entenderia ninguem esta traça passando em claro trinta annos de Pirithidias, faz sô menção dos quarenta de Laosthenes, dizendo he impossivel não reinando mais que quarenta annos, & morrendo no tempo de

Roboaõ

Roboaõ , chegar ao de seu neto elRey Afã.
Tem muita rezaõ se assim fora, & a Monarchia
o differa, porem nem tal ouue no mundo, nem
a Monarchia o disse, pello que me ha de dar li-
cença pera desenuoluer esta tea, que naõ foy te-
cida com tam bom animo, como a de Penelope
nem vrdida com tanto artificio , como as d'A-
ragnes, & assim fazendo as cõtas por Metha-
sthenes na minha impressaõ fol. 242. digo, q̃ Lao-
sthenes imperou quarenta & cinco annos, & seu
successor Pirithidias trinta, que juntos fazẽ setẽ-
ta & cinco, & contãdo os annos dos Reys de Iu-
dea pellas cõtas da Escripura sagrada, Salamãõ
reinou quarenta annos, *dies autem quos regnavit Sa-
lamon in Hierusalem super omnem Israel, quadragin-
ta anni sunt.* Roboaõ seu filho defassete, qua-
draginta, & vnus anni erat Roboam, cum regnare
cepisset, decem & septem annos regnavit in Hierusa-
lem ciuitate. Seu filho Abia reinou tres, *tribus an-
nis regnavit in Hierusalem.* E por morte de Abias
succedeu no Reyno paterno Afã seu filho.

Somemos agora estes annos. Trinta de Sala-
maõ, porque ao decimo de seu Reyno, como
diz a Monarchia, & o Exame o naõ nega, antes
o approua, começou a imperar Laosthenes em
Babylonia, & 17. de Roboaõ, fazẽ quarenta &
sete

Matasthen:
lib. 1.

3. Reg. 6. 11.

3. Reg. 6. 14.

3. Reg. 6. 15.

3. Reg. 15.

Segunda parte da defensão

sete, & tres d'Abia são cincoenta justos, & os annos dos dous Reys de Babylonia erão setenta & cinco, como dissemos acima: ficão logo fazendo de excessõ os annos dos Reys Babylonicos aos de Iuda vinte cinco annos; & se o nosso Exame das antiguidades fizera estas contas sem paixão, não vira por terra esta torre de Babel, porque sendo os annos Laothenes, & Pirithidias reinaraõ em Babylonia, setenta & cinco, ou setenta pellas contas da Monarchia, & os de Salamão, Roboão, & Abia conçoenta, hum cego por cego que fora, vira como os dous Reys primeros, excedem aos tres derradeiros em vinte annos de vida, quando não sejaõ vinte cinco; pello q̄ sem Laothenes ser Laothenes dos dous tépos, como por graça, & moteãjdo da Monarchia, lhe chama o Exame podião chegar até os 20. annos de Asã ajuntando os quarenta de Laothenes, com os trinta de seu successor Pirithidias, conforme a ordem & narração da historia verdadeira da Monarchia. No mesmo tratado nos faz a saber o nosso Autor, como diz a Monarchia, que no tempo deste Laothenes, & no del Rey Asã, quando Atis Syluio, reinava em Italia floreceo o famoso Legisflador Licurgo. Primeiramente a Monarchia nunca tal disse, nem taes palauras se acharaõ nella, & em pena
do

do contrario, nem ponho menos que o credito de minha verdade: porem pera ficar mais clara, & tirarmos em limpo, o que nisto ha, ouçamos as palauras da Monarchia, que palaura por palaura são as seguintes. *Em Italia por morte de Alba Syluio, reinou Atis Syluio seu filho, & por sua morte, Capis Syluio, de quê sente Tito Lúvio, & o refere Pineda, q̄ teue Capua seu nome. Nesta idade, diz Pausanias, q̄ floreceo o famoso Legislador Licurgo, que pôs em florente estado as cousas de Lacedemonia com as justas leys que lhe deu, & muito mais com o notauel exemplo de sua vida.*

Pineda 1.º p.
l. 3.º c. 24.º

Iulgue agora qualquer pessoa, que por sua curiofidade ler esta minha defenfaõ, que de sua corteſia fio a sentença, se fala aqui o Doutor Frey Bernardo em Laoſthenes, ou em Afã, pera dizer o noſſo Exame cõ infinita confiança, affirmaua a Monarchia florecera Licurgo no tempo de Afã, de Laoſthenes, & de Atis Syluio: ſendo aſſi, que o naõ poem ſenãõ na idade de Capis Syluio. Mas pera procedermos com môr clareza digo que esta palaura idade, que he o meſmo, que hũa geraçaõ aſſi nas historias humanas, como na Eſcriptura diuina, ſe toma de muitas maneiras. Os medicos tomaõ hũa geraçaõ, que he o meſmo que hũa idade, por eſpaço de ſete annos, como conſta. *Vetant enim ante duas generationes venam pueri incidi*, que ſão quatorze annos.

O meſ-

Segunda parte da defensão

Suidas,

O mesmo segue Suidas, quando diz viueo Orpheo, noue ou onze gerações, que sendo noue são sesenta & tres annos, & sendo onze, são setenta & sete os da vida de Orpheo. Eusebio de

Euseb. de
prap. Euang.
l. 10. c. vlti-
mo.

præparatione Euangelica, lib. 10. cap. vltimo, toma este nome idade, ou geração por espaço de vinte annos, affirmando que d'el Rey Inaco, ate a guerra Troyana passarão vinte gerações, que

Erodoto, li.
1. & 2.

são quatrocentos annos. Erodoto dà a hũa idade vinte & tres annos, & isto no primeiro liuro, q no segundo dà trinta & tres quando diz, q tres idades tem cem annos. Diodoro Siculo, lib. 1. cap. 13. diz que hũa geração tem trinta annos. O

Diod. lib. 1.
cap. 13.

Plutarch.
Cur oracul.

Censurino,
li. de natal.

Rom.
Alicarnass.

lib. 1.

mesmo segue Plutarcho lib. Cur oracula defecerunt, & censurino lib. de die natali Rom. Porrem Dionysio Alicarnasseo de antiq. Rom. lib. 1. quer que hũa idade, ou geração, monte tanto como cem annos, quando diz. *Medorum imperiū stitisse prope quatuor generationes, hoc est ad quadringentos annos.* Quatrocentos annos: & nesta significação entendo aquellas palauras, que Deos

Genes. 15.

dissê a Abrahão. *Generatione quarta reuertetur in terram hanc.* Que he o mesmo que dizer, daqui a quatrocentos annos, virà vossa geração a possuir esta terra, & neste sentido se pode muito bem entêder o doutor Fr. Bernardo de Britto quando diz, tratando do Reyno de Capis Syluio. *Nesta idade*

idade affirma Pansanias que floreceo o famoso Legisla-
dor Licurgo. Não quer dizer aquella hora, nem
dia, senão correndo a idade em que reinou Ca-
pis Syluio, floreceo Licurgo, que he em espaço
de cem annos, que monta húa idade, como tam-
bem quando Homero nos conta, que viueo Homero?
Nestor tres gerações, quer dizer trezêtos annos, Iuuenal?
que são os que Nestor teue de vida, segundo a Sat. 10.
ponta Iuuenal Satyra decima, Tibullio lib. 4. & Tibul. 14.
Ouuidio nas suas trásformações, lib. 12. dizendo. Ouuid. 1. 12.

Hymes vidisse trecentas.

E quanto a dizer o nosso Autor do Exame, que
Licurgo foy no tempo de Cresso, & pello con-
sequente de Ciro, enganouse com os Legisla-
das antigos das leys, porque deixados muitos,
que em tempos muy remotos deraõ leys, como
foraõ Simiramis aos Afsirios, Ceres, aos Eryp-
cios, Minos aos Cretenses, & Dracho aos de A-
thenas, as quaes dizia o Orador Clemades foraõ Orosius, l. 1.
escriptas, não com tinta, mas com sangue, porq̃ Orneff.
todas eraõ crudelissimas, em tanto que o furtar mundi.
húa couue, ou alface, não tinha menos pena que
de morte. Com tudo os mais famosos Legi-
sladores, que teue a antiguidade foraõ seis. Moy-
ses dea ley aos Iudeos, Phoroneo aos Ar-
guios, Mercurio, ou Hermes Trismegisto
aos Erypcios, Solon Salamino aos Athe-
nienfes,

Segunda parte da defensão

nienfes, Licurgo aos Lacedemonios, & Numa Pompilio aos Romanos. Por esta ordem os cõta Santo Isidoro, lib. 6. cap. 15. Ethimolog. & Graciano Decret. cap. Moy. Contão no primeiro lugar a Moyses, pella excellencia da ley diuina, mas não porque Phoroneo, não fosse mais antigo, pois sendo filho de Ignaco primeiro Rey dos Argiuos, reynou aos cincoenta & hum annos de Iacob, reinando Armatrites, ou Armatres em os Assirios. De seu nome se tomou em Latim chamar-se Sorum a praça onde se fazia a audiencia às partes, por ser o primeiro que ordenou Iuizes, que julgassem as causas entre o Autor, & o Reo, como se ve nas Decretais titulo de *de verb. signific. O terceiro Legislador foy Mercurio Trismegistro, que segundo Geruasio em seus ocios imperiais, inuentou a viola no Egypto, tomando a inuenção della de hum Galapago, cuja carne consumindose com o calor do sol, & força do vento, ficarão só os nervoszinhos enxutos, & limpos, os quais tocados do ar no concauo delle, fazião hũa melodia apraziuel, & fazendo experiencia, tocando com os dedos fez hum som mais suaue, & mandando fazer hum instrumento que tiuesse mais capaz concauidade com hũas cordas fez a viola que deu a Orphèo. Entre as leys que ordenou foy,*

que

S. Isid. li. 6.
c. 15 Ethim.
Graciano
Decret. ca.
Moy.

Decret. tit.
de verb. sig-
nific.
Geruas. nos
ocios imp.

que os Reys tiueffem repartidas suas rendas em tres partes, a primeira pera os templos, & sacerdotes, a segunda pera os gastos reaes, & merces particulares, a terceira pera se gastarem nas guer- ras, & cousas necessarias pera ellas quando impor- tasse. Mandaua mais que o Rey que não fizesse justiça fosse disposto: & sendo feito algũ ag- grauado a algum seu vassallo, & não o satisfazendo em vida, o não enterrassem até seus herdeiros darem muy inteira satisfação ao aggrauado & não a dando, carecesse de sepultura. O quar- to legislador foy Licurgo, irmão de Polibites, & tio de Charillao, como diz Trogo Pópeo, & o seu abreuviador Iustino no liuro terceiro, onde escreue o seguinte. *Namque Licurgus cum fratri suo Polibite Spartanorum Regi successisset, regnumque sibi vindicare potuisset, Carilao filio eius, qui natus postumus fuerat, cum ad etatem adultam peruenisset, Regnum summa fide restituit, vt intelligerent omnes quanto plus apud bonos pietatis iura, quam omnes opes vale- rent.* Húa das leys de Licurgo foy, que as molhe- res casassem sem dote, & fossem escolhidas não pellas riquezas, & fermosura, senão pella virtu- de, & honestidade. Excelente ley fora esta pera o tempo d'agora, pois assim os grandes, como os pequenos, se casão mais com os dedos, que com os ouvidos, quero dizer, contando o dinheiro

Trogo Pomp
Iustino l. 3.

Segunda parte da defensão

do dote, sem fazer caso da geração, & da boa, ou má fama d' esposa. O quinto legislador foy Solon Salomino, & com este se enganou o nosso Apurador das antiguidades, porque Solon foy no tempo de Cræso, & não Licurgo, como pode ver em Eusebio em seus Annais, em Diogenes

Laerc. l. 1. de
vit philos.

Laercio de vitis philosophorum lib. 1. onde falando de Solon diz. *In Ægyptum nauigauit, atque inde Ciprum profectus, postremo ad Cræsum peruenit.*

Bergam sup
pl. Chron. l. 4

Floreceo na Olympiade quarenta & seis, como diz Soficrates, & o mesmo Laercio. E o nosso Licurgo em que consiste toda esta duuida, floreceo, segundo affirma Bergamo, algũs annos antes da primeira Olympiade a creatione mundi, conforme a sua conta 4352. & antes do nacimen

Plutarc. l. 3
Erathost. &
Apollo. apud
Plut. vbi sup

to de Christo 817. o mesmo parecer entre outras opiniões que aponta, tem Plutarcho, quanto a ser antes da primeira Olympiade, como affirmão Erathostenes, & Apollodoro, apud eundem Plutarchum, confirma esta verdade de cócorrer Solon no tempo de Cræso & Ciro, pois o conselho que Solon deu a Cræso, mandando o Ciro queimar, lhe deu a vida, cuja historia conta muy largamente Plutarcho lib. 3. fol. E epilo

Plutar. l. 3.
Bergam. l. 3

gando este cap. digo com Bergamo no seu suplemento das Chronicas lib. 4. fol. 75. que Alba Syluio sexto Rey dos Latinos começou de rei-

nar

nar ao decimo anno de Salamão à creatione mū
di 4143. E reinando trinta & noue annos, dei-
xou o Reyno a seu filho Atis Syluio. E Laosthe-
nes filho de Lupållo Rey trigessimo primo dos
Assirios, começou a reinar aos onze annos de Sa-
lamão, & reinou quarenta & cinco annos, & aos
quatorze do mesmo Salamão, entrou no Reyno
de Lacedemonia Labothes, & reinou trinta &
sete annos, anno mundi 4145. E Atis Syluio aos
4148. deu principio ao Reyno de Alba, sendo o
septimo Rey dos Latinos, no anno nono de Ie-
roboão; reinou vinte & tres annos, & deixou o
reino a Capis Syluio seu filho; Perithiades trigessimo
secundo Rey dos Assirios, tomou o ceptro
de seu imperio aos desaseis annos de Ieroboão,
& reinou trinta: Capis Syluio, filho de Atis Syl-
uio, começou a reinar aos treze annos de Asã, &
nesto tempo, diz a Monarchia Lusytana, concor-
reo Licurgo. Isto tudo presuposto, faça agora as
contas o nosso Autor do Exame, como for fer-
uido, & lhe pedir seu desejo, porque fio de quem
he, & de seu bom entendimento, não negue a ju-
stica a quem a tem, porque doutra maneira fica-
rà sogeito aas leys de Mercurio Trismegisto, &
pera mor desengano o ey por conuidado pera
o capitulo seguinte.

Segunda parte da defensão

CAPITVLO XXXVIII.

Apurase a mesma materia: trata-se do tempo certo em que começou a primeira Olympiade, & de quando reinou (Ciro & Cræssó, & dos annos que ouue entre Licurgo, & Solon Salamino.

*Faber l. i. de
Musica.
Plini. li 33.
c. 1. & 3.*

*Ouid. l. ii.
Metap.*

TRatado Iacobo Fabro de Midas, o poem em o cathalogo dos Musicos, por inuentor certo modo de tanger frautas, & Plinio diz delle que foy Rey de Phrigia, & o primeiro que por ostentação de suas riquezas trouxe annel d'ouro, donde tomou occasião Ouidio de fingir, que por agazalhar com grandes banquetes ao Deos Sileno, mestre de Baccho, lhe concedeo hũa petição, que lhe fez, de se lhe conuertet em ouro, tudo aquillo que tocasse, & em que possesse a mão: mas como se lhe conuertesse neste metal, o pão, & todos os manjares de que auia de ir sustentando a vida, pedio ao seu Deos Baccho, lhe remedeasse aquelle mal; a receita, & remedio que lhe deu, foy mandalo lauar no rio Pactolo de Lydia, onde perdeu a aquella virtude dourada. Quizerão significar nisto os Philosophos gentios, hum homem feito de sua vontade, & apegado a seu parecer, que por mais enriquecido que esteja, se

de sabedoria, não se contenta, ou não lhe contenta a opinião de Escriptor algum, por mais eminente que seja, senão a que frilã mais com sua vontade propria; & tudo quanto diz, quer se lhe conuerta em ouro, & perolas, parecendo-lhe errarão todos os Autores do mundo, & que soo elle acerta em tudo; como aconteceu a Atheneo, que affirmando Tucides, Amiano, Plinio, Xenophonte, Maximo Tyrio, Platão, & Theodoro, que fora Socrates esforçadissimo, & inuenciuel nas batalhas, soo Atheneo leuado de seu parecer, o quis priuar d'esta gloria. Outro caso semelhante temos em hum Autor moderno destes nossos tempos, q̄ alegando com Methastenes, Strabo, Plinio, Iosepho, Eusebio Cesariense, frey Ioão de Pinedã, o Doutor frey Bernardo de Britto, & outros infinitos autores de muito grande nome, & saber, soo elle o achou não soo fabuloso, mas como se fora o mor seu inimigo do mundo, o desacredita com estas palauras. Não he este o Megasthenes antigo, & douto. se não nouo, sem sentido, sem saber, sem sciencia, & sem vergonha. Em verdade, que não sei que mal lhe fez o pobre homem, pera o tratar tam mal, & com palauras tam pouco modestas, & indignas de quem as escreueo: pello que foy mui acertado o conselho de mandarem a Midas se lauasse

Thucid. l. 2.
 Amiano 19.
 Plinio l. 7.
 c. 21. & l.
 34. c. 6.
 Xenoph. in
 Apolog. per
 Socrat.
 Maximo see
 22.
 Platão in
 apol.
 Theodor. 11.
 de grat. affec
 Atheneo l. 5
 dipt. c. 12.

Segunda parte da defensão

no rio Pactalo de Lydia, mostrando nisto, que se hum homem se lauar no rio do defengano, perderà a virtude dourada de sua vontade propria, & ficarà defenganado pera seguir o melhor, & fugir de seu desejo, que pella maior parte nos engana. Por seguir tam bom conselho, & não me governar nesta materia por minha propria vontade, quero acabar de discernir a duuida, q̄ o Exame das antiguidades quer que aja do tempo em que floreceo Licurgo, parecendolhe encontrava nisto a Monarchia, aduertindo a toda a pessoa curiosa, que ler esta minha defensão; que erão quatro os modos mais cômuns de contar entre os Antigos. Ou por Olympiadas, ou da destruição de Troya, ou do diluuiio de Ogi-ges, ou da fundação de Roma, por Romulo, & Remulo, & deixando estes tres vltimos, pera quádo se offerecer occasião, digo que hũa Olympiade de val tanto como quatro annos, de maneira, que o mesmo he dizer, cincoenta Olympiades, q̄ duzentos annos. Tiuerão as Olympiades seu principio no anno oitauo do reino de Acáz, & de oitauo del Rey Acáz, & primeiro da primeira Olympiade, até o primeiro de Ciro, vão duzentos & dezaes annos, o que se proua claramente da

4. Regum,

Escriptura sagrada, porque do quarto liuro dos Reys consta, que do oitauo de Acáz, até o vlti-

mo de Sedechias, forão cento & quarenta & seis annos, & do vltimo de Sedechias até Ciro, cócorrerão os setenta do captiueiro de Babilonia, segundo a prophesia de Hieremias, & que estes setenta annos se ajão de contar do vndecimo de Sedechias, que foy o vltimo deste Rey de Hierusalem, affirmao Iosepho libr. 11. antiquitatum, Julio Africano libr. 5. Annalium, Eusebio afsim in Chron. como no vltimo capit. de preparação Euang. S. Hieronymo sobre Ezechiel cap. 4. Clemente Alexandrino libr. Stro. 1. Lactancio Firmiano liu. 4. diuin. institu. cap. 5. Beda lib. de sex ætatibus mundi. S. Isidoro lib. 5. ethimolog. cap. vltimo, Cirilo Alex. lib. 8. aduersus Iulianum, & outros muitos. O imperio, & Monarchia de Ciro teue principio na Olympiade sincoenta & quatro complecta, & no primeiro anno da Olympiade sincoenta & sinco, como por autoridade de Diodoro Siculo, de Thalicastor, Polibeo, & Phegonte affirma Eusebio, afsim in Chron. como no vltimo de preparação Euangelica, & se infere de Clemente Alexandrino libr. 1. Stroma. & de S. Cirilo libr. 1. contra Iulianum, quando diz que o Propheta Aggeo, & o Propheta Zacharias prophetizarão na Olympiade 56. regnante iam Ciro. E Diodoro Siculo libr. 11. escreue pafou Xerxes em Grecia com aquelle exercito tam

Hieremias

Iosef. l. 11. ans
Africano l. 5
Annal.
Eusebio in
Chron.

S. Hiero. sup
Ezech. 6. 4.
Alex. l. Stroma. 1.

Firmia. l. 4
S. Isid. l. 5.
Beda de sex
ætat. mundi
Cirilo l. 8.

Diodo. Sic.
Thalicastor.
Polibeo.
Phegonte.
apud Euseb.
& Chro. in
cap. 1. præpa.
Euang.
Clem. Alex.
l. 1. Stroma
S. Cirilo l.
1. cont. Iul.
Diodor. l. 11

Segunda parte da defensão

Trogo Póp.
Iustino l. 2.

affamado, que assombraua a terra, no primeiro anno da Olympiade setenta & cinco, & Trogo Pompeo, com Iustino libr. 2. diz aconteeo isto ao quinto anno de seu imperio, pello que bem se segue, que o quinto anno da Monarchia de Xerxes foy o primeiro da Olympiade setenta & cinco, & do anno primeiro de Ciro até o quinto de Xerxes, conforme se colige da Chronica dos Reys de Persia, vão oitenta annos, porque Ciro reinou trinta, Cambises, oito, Dario Hitaspes com os Magos trinta & seis, & cinco de Xerxes, somão oitenta menos hum, & oitenta annos, fazem vinte Olympiades; donde se segue em muito boa consequencia, que se o quinto anno de Xerxes foy o primeiro da Olympiade setenta & cinco, que o primeiro del Rey Ciro, foy o primeiro da Olympiade sincoenta & cinco; donde faço esta inferencia. Ciro como tenho prouado começou a reinar na Olympiade sincoenta & cinco, & 55. Olympiades valem duzentos & vinte annos, pello que duzentos & vinte annos passarão antes que ouuesse Olympiades, até o tempo que Ciro reinou, o que prouo desta maneira. Do quarto liuro dos Reys consta, que do oitauo anno de Acáz em que as Olympiades tiuerão seu principio, até o vltimo del Rey Sedechias, correrão cento & quarenta & seis annos, & o captiueiro

4. Reg.

ueiro de Babylonia durou setenta, & assim fi-
 cção somando duzentos & defaseis annos, & Ro-
 ma foy fundada por Romulo no principio da
 Olympiade septima, como affirmão Dionysio
 Alicarnasseo libr.1. & Solino cap.2. não soo por
 por testemunho de Cornelio Nepos Luctacio,
 Apollodoro, Eratosthenes, & Polibeo, mas ainda
 conuencido de efficacissimos argumentos. Estas
 contas, & verdades presupostas, faço esta demon-
 stração. Solon Salamino, como largamete deixo
 prouado com Plutarcho, & outros foy no tẽpo
 de Cresso; & Cresso no de Ciro, duzentos & de-
 faseis annos depois da primeira Olympiade; &
 Licurgo foy antes d'auer Olympiades no mun-
 do, nem nouas dellas, conforme escreue Plutar-
 cho por authoridade de Eratosthenes, & Apol-
 lodoro, vbi supra, & o supplimento das Chroni-
 cas lib.4. fol.75. com outros muitos affirmão o
 mesmo. Isto notado, julgue agora o nosso Autor
 do Exame, que fundamento teue pera dizer fora
 Licurgo no tempo de Ciro, sendo assi, q̃ he mais
 antigo que Ciro, & Cresso duzentos & defaseis
 annos, ou 220. & se formos pellas contas de Ber-
 gamo 267. pello que peço ao Autor do Exame
 apure melhor estas cõputações de tempos, pois
 se fez examinador dellas, & deixe a Monarchia
 Lusitana seguir o caminho que se segue, pois he
 tam

*Alicar. l. 1.
 Solino c. 2.
 Corn. Nepos
 Luctacio.
 Apollodoro.
 Eratosthenes
 Polib. apud
 Solin. ca. 2.*

*Eratosth.
 Apollodoro
 apud Plur.
 vbi supra.
 Berga. l. 4.*

Segunda parte da defensão

tam acertado, como quem leua por guia a verdade, & este deue leuar todo o escriptor que escreue, porque assim ouuera menos Dares, & Miffenos no mundo, sem a confiança de Polydomas, com os pensamentos de Neuio.

*Virg. l. 5.
Rauf. fol.
347.*

CAPITVLO XXXIX.

Apontãose algũs grandes amigos que no mundo ouue, prouase como a mãy quer mais ao filho, q̃ a molher ao marido, com algũs extremos que por esta causa acontecerão: defendese a Monarchia acerca de Hecuba, com el Rey Priamo, em dar a vida, ou morte a Paris seu filho.

HUm dos grandes effeitos do amor he esti mar mais os bês em quem ama, que em si proprio; daqui naceo, fazerem extremos algũs homês, leuados mais da força de sua afeição, que do dictamen da rezão, & entendimento; como forão Pylades, & Orestes, dando a vida hum, pella vida do outro. Theseo, & Piri thoo, sendo tam fieis companheiros nos perigos & trabalhos, que forão juntos ao inferno, com tenção de furtar a Proserpina, segundo a ficção poetica

*Cic in Lelio
Ouid. l. 4.
de trist. & 2
de Ponto.*

poetica de Ouuidio, quando diz.

Pyritboom Thesens Stygias comitatur ad umbras
Et Horacio. *Nec Lethea valet Thesens abrūpere fido*

Plutare.
Ouid. & Ho
ratio.

Vincula Pyritboo.

Achilles, & Patroclo, Niso, & Euriolo, de quem
diz Virgilio l. 9.

Prop. l. 2. &
Stacio l. 4.
Virg. l. 9.

His amor vngerat pariterque in bella ruebant.

E de Niso. *Tum super exanimem se se proiecit amicū*
Confossus, placidaque ibi demum, morte, quieuit.

Castor, & Pollux, forão irmãos maternos, filhos
de Leda, mas quanto ao pay, hum de Iupiter, &
outro de Tyndaro, porem tam grandes amigos,
que (falando ao modo poetico) sendo Pollux im
mortal, repartio sua immortalidade com Castor
em quem a morte tinha sua jurisdicção, viuendo
alternadamente, conforme nos conta o poeta
Virgilio l. 6. Aeneid.

Si fratrem Pollux alterna morte redemit, &c.

Fundouse esta poesia, segundo notou Seruio, em
nacer hũa destas estrellas, quando a outra desa
parece. Grande extremo de amisade mostrarão
os dous Pythagoricos Pythias, & Damon, pois
tendo Dionisio condemnado hum delles a mor
te, sendolhe necessario chegar a sua casa, pera or
denar as cousas della, ficou o outro em penhor,
& refens de sua vida, com tal pacto, & ley, que
quando não viesse executarião nelle o rigor da
sentença

Cicero in
officijs.

Segu nda parte da defenſaõ

ſentença; & ſendo chegada a hora, quando todos o tinham julgado por neſcio, por ſe arrifcar a tam manifelto perigo, chegou o fiel, & verdadeiro amigo, não conſentindo perdeſſe a vida, quem de ſeu amor, & verdade fizera tam notavel conſiança. Com o meſmo extremo de amor & fee, ſe amarão Hercules, & Theſeo, Aeneas, & Acates: Mario, & Caſpro: Neſtor, & Agamenõ: Volumnio, & Luculo: Alexãdre, & Empheſtião: Dimãta, & Hoppleu: Cælio, & Petronio: Bruto & Terencio: Lelio, & Scipião: Phidias, & Agorantõ: Hiſpides, & Menedemo: Amelio, & Plotino: Dario, & Megabizo: Aſmundo, & Aſuito: Daud, & o principe Ionathas. Molheres ouue tambem que ſe eſmerarão tanto no amor de ſeus maridos, que podem ſeruir de eſtampa, as do noſſo tempo de fè, & amor conjugal. A molher del Rey Methridates, chamada Hipsiera-thea, o amou com tam grande extremo d'aſſeição, que armada de ponto em branco, com a eſpada na mão, & eſcudo abraçado, o ſeguiu em quantas guerras fez, & não entrou em batalha, em que ella não entraſſe, com tenção de perder a vida, onde elle a perdeſſe, ſeruindolhe de exẽplo a ſeu eſforço, & de eſcudo a ſua vida, como diz Stroza pater.

Nec Mithrydateas, quæ comitata vias.

Pene

Plutarco
Textor. in
offic. tom. 2
fol. 338.
Syllio l. 9.
Virg. Aene.
Amiano.
Stacio.
Rau. vbi ſu
Curcio.
Herodoto.
Saxo Gram

Penelope, amou a seu marido, Vliffes, com tanta verdade, & fee, que nem os mimos da vida que conuidaõ, nem os receos da morte, que acouardão, poderaõ, em vinte annos de ausencia, mudar hum ponto do que deuia, afsi propria na honra, & a seu marido no amor com que o amaua; pello que disse Proper. lib. 2.

Felix Admeti coniux, & Lectus Vlyffis.

Gunnilda, vendo as exequias de seu marido Afimundo, estimando por menos mal a morte, que a vida em sua ausencia, se matou com hum punhal. Pello mesmo caminho foy Panthea, no ponto em que lhe differão era morto seu marido Abradata. Tam grande foy o sentimento de Artenisa na morte de seu marido Mauzeolo, q chorandoo com lagrimas irremidiaueis, sepultando suas finzas nas entranhas às saudades de sua vista foraõ causa de sua morte. Euadne Thebana, vendo morto a seu marido no mesmo fogo em que o corpo, cõforme o costume daquelle tempo, se queimaua, se lançou dizendo.

Accipe me Capaneu, cinires miscebimus inquit

Iphias, in medios desiluitq; rogos.

Et Marcial. *Arserit Euadne flammis iniecla mariti.*
Laodomia, molher de Protefila, Rey de Thefalia, morrendo elle nos campos Troyanos, forão tão grandes os desejos de velo, que aceitaua por bastante

Saxo Grammatico apud Rau. fo. 42.

Architrenio Vola. er. Philologia l. 3. fol. 393. Ouid. l. 3. de arte. Marcial.

Segunda parte da defensão

tante consolação de seu tormento, gozar da vista de sua sombra; & chegando a vela, deu a vida no instrumento de sua morte; pello que disse Propercio.

Propercio.

Mlic Phylacides incunda coningis Heros

Non potuit cæcis immemor esse locis,

Sed cupidus falsis attingere gaudia palmis,

Theſſalis antiquam venerat umbra domum.

Alceſtes, vendo morto seu marido Admeto, foy tam grande a pena de seu coração, que leuada do exceſſiuo amor com que o amaua, ſe priuou da vida que viuia, ſegundo affirma Iuuenal.

Iuuenal.

Saty. 6.

Saty. 6.

Spectant ſubeuntem fata mariti Alceſtim.

Porcia Romana, filha de Catão, vendo morto a seu marido Bruto, de tal maneira a atormentarão as ſaudades, & deſejos do bem que perdia, que julgando por morte a vida em ſua auſencia, ſe matou, como diſſe Pamphilo.

Pamphilo.

Vixiſſet Brutus, tuum non tam clara fuiſſet,

Portia.

Iſto tudo preſuposto, confeffo que muito ama que dá a vida pella de seu amigo; & q̄ não pode chegar a mòr extremo à amizade, *vt animam ſuã ponat quis pro amicis ſuis*: digo mais, que muy grãde amor he o com que hũa molher, recolhida, honeſta, & honrada, ama a seu marido, que com
igual

igual correspondencia, satisfaz aos estremos de sua affeição: porem não chega ao amor natural, com que hũa mãy idolatra em seu filho; daqui naceo chamar Menandro aos filhos, feitiços das almas dos pays; porque assim como ao enfeitiçado lhe parece melhor a pessoa do feitiço, por fea que seja, que nenhũa outra, posto que fer mosa, & engraçada; assim os filhos parecem melhor aos pays, do que são, por estarem enfeitiçados com o feitiço do amor natural, como escreue Serino de hũa mulher Lacedemonia, & Plutarcho de outra Romana. Musonio dà hũa razão disto, segundo as leys do agradecimento; porque como o filho recebeo o ser do pay, deue pagar à natureza, com lhe dar outro semelhante: & esta he a causa porque os auòs os requerem com ley natural, lhes paguem com netos, o que elles lhe derão como a filhos; daqui naceo obrigar Penxo a sua filha Damne, se casse, porque por ley da natureza lhe deuia netos. Na conjuração que Absalão fez contra seu pay David, pretendendo tirarlhe a vida, & com ella o Reyno, leuantou hũa estatua, como aponta Carthagená, tom. 2. & por letra. *Non habeo filios,* & he como se dissera; se tiuera filhos, não fizera o que faço, arriscandome ao perigo q̄ sigo; porq̄ entãõ temera, pagasse o filho a pena de meu

Abulense.
1. Reg. 15.
quasi. 38.
Euripides.
in *Estob. ser.*
75.
Menandro.

Serino.
Plutarcho.

Ouid. l. 1.
Mutha.

Carthag.
tom. 7, l. 12.
homil. 11.
Lira 2. Reg.
cap. 18.

mao